



**Aline Monteiro dos Santos de Azeredo**

**A construção discursiva da qualidade de vida  
em sala de aula de língua inglesa de uma  
escola municipal do Rio de Janeiro: olhares  
exploratórios da professora e dos seus alunos**

**Dissertação de Mestrado**

Dissertação apresentada como requisito parcial  
para obtenção do grau de Mestre pelo Programa de  
Pós-Graduação em Estudos da Linguagem do  
Departamento de Letras da PUC-Rio

Orientadora: Profa. Inés Kayon de Miller

Rio de Janeiro  
Abril de 2019



**Aline Monteiro dos Santos de Azeredo**

**A construção discursiva da qualidade de vida  
em sala de aula de língua inglesa de uma  
escola municipal do Rio de Janeiro: olhares  
exploratórios da professora e dos seus alunos**

Dissertação apresentada como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre pelo Programa de Pós-graduação em Estudos da Linguagem da PUC-Rio. Aprovada pela Comissão Examinadora abaixo.

**Profa. Inés Kayon de Miller**

Orientadora

Departamento de Letras – PUC-Rio

**Profa. Janaína da Silva Cardoso**

UERJ

**Profa. Adriana Nogueira Accioly Nóbrega**

Departamento de Letras – PUC-Rio

Rio de Janeiro, 25 de abril de 2019.

Todos os direitos reservados. É proibida a reprodução total ou parcial do trabalho sem autorização do autor, do orientador e da universidade.

### **Aline Monteiro dos Santos de Azeredo**

Graduou-se em Letras – Português/ Inglês na Universidade Gama Filho em 2006. Pós-graduada em Língua Inglesa pela PUC-Rio (Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro). É professora da Secretaria Municipal de Educação, da Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro (SME-Rio), desde 2011 e da Secretaria Estadual de Educação desde 2009. Suas áreas de interesse compreendem os Estudos da Linguagem, a Linguística Aplicada, a Prática Exploratória e a Educação.

#### Ficha Catalográfica

Azeredo, Aline Monteiro dos Santos de

A construção discursiva da qualidade de vida em sala de aula de língua inglesa de uma escola municipal do Rio de Janeiro : olhares exploratórios da professora e dos seus alunos / Aline Monteiro dos Santos de Azeredo ; orientadora: Inés Kayon de Miller. – 2019.

93 f. : il. ; 30 cm

Dissertação (mestrado)–Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Departamento de Letras, 2019.

Inclui bibliografia

1. Letras – Teses. 2. Prática exploratória. 3. Linguística aplicada. 4. Grupo Focal. 5. Aula de inglês. 6. Emoções. I. Miller, Inés Kayon de. II. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Departamento de Letras. III. Título.

CDD: 400

## **Agradecimentos**

A Deus, por me proteger e mostrar que eu sou capaz de conquistar meus objetivos, apesar das dificuldades encontradas durante a minha jornada acadêmica.

Ao meu marido Daniel, por ser meu companheiro e estar sempre me incentivando em todos os momentos de nossas vidas.

À minha orientadora, Inés Kayon de Miller, por todos os momentos de reflexão, incentivo e orientação para que essa dissertação fosse concluída.

À professora Maria Isabel Cunha, por participar de todo o processo – desde a geração dos dados até à conclusão deste trabalho final.

Às professoras Janaína Cardoso e Adriana Nogueira Accioly Nóbrega, por gentilmente aceitarem fazer parte da minha banca.

À PUC-Rio, por toda a estrutura oferecida a mim e a todos os alunos e pela bolsa concedida no mestrado.

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001.

## Resumo

Azeredo, Aline Monteiro dos Santos de. Miller, Inés Kayon de (Orientadora). **A construção discursiva da qualidade de vida em sala de aula de língua inglesa de uma escola municipal do Rio de Janeiro: olhares exploratórios da professora e dos seus alunos.** Rio de Janeiro, 2019. 93p. Dissertação de Mestrado – Departamento de Letras – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

O objetivo deste estudo é buscar entendimentos acerca do que acontece no rico ambiente de sala de aula, mais especificamente, da sala de aula de inglês de uma escola municipal do Rio de Janeiro na qual trabalho. Nesta busca, tive como intenção trabalhar para entender o objetivo de alunos irem à escola e às aulas de inglês na referida escola municipal. O presente trabalho se insere nas áreas da Linguística Aplicada Contemporânea (RAJAGOPALAN, 2006), e da Prática Exploratória (ALLWRIGHT, 1991-2006), sendo assim, a arquitetura teórica ilustra a importância da pesquisa com base na prática docente cotidiana, na qual uma aula por mim ministrada proporcionou a oportunidade de gerar dados e a possibilidade de produzir a presente pesquisa. Os dados analisados são as respostas dos alunos obtidas a partir de duas Atividades Reflexivas de Potencial Exploratório (ARPE), nas quais foi questionado o propósito dos alunos irem à escola e às aulas de inglês e a partir da entrevista semi-estruturada desenvolvida com o grupo focal. Nesse cenário, além do Sistema de Avaliabilidade (MARTIN & WHITE, 2005), que desempenha papel de destaque no processo de análise dos dados, tive a oportunidade de desenvolver, com a reunião de grupo focal (ANGROSINO, 2009), uma tarefa na qual pude revisitar dados gerados dois anos atrás, o que possibilitou a mim e aos alunos refletir acerca das emoções e crenças vividas naquele ano. Os entendimentos situados mostram o afeto na relação entre alunos e entre alunos e a professora, assim como avaliações de afeto, julgamento e apreciação que permearam o meu discurso como professora-moderadora e o dos alunos durante a reunião de grupo focal.

## Palavras-chave

Prática Exploratória; Linguística Aplicada; Grupo Focal; aula de inglês; emoções.

## **Abstract**

Azeredo, Aline Monteiro dos Santos de. Miller, Inés Kayon de (Advisor). **The discursive construction of quality of life in a public school English class in Rio de Janeiro: teacher's and students' exploratory views.** Rio de Janeiro, 2019. 93p. Dissertação de Mestrado – Departamento de Letras, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

This study aims at understanding what happens in the enriched classroom environment, specifically in an English classroom of a public school in Rio de Janeiro in which I teach. In this search, my intention was to work for understanding the objective of students going to school and to English classes in the mentioned school. The present research was developed within the areas of Contemporary Applied Linguistics (RAJAGOPALAN, 2006) and Exploratory Practice (ALLWRIGHT, 1991-2006) and illustrates the importance of daily classroom practices for the development of “practitioner research” conducted collaboratively by me and my students. Within this framework, the Appraisal System (MARTIN & WHITE, 2005) also plays an important role in the process of analyzing the data generated during the focus group (ANGROSINO, 2009), discussion. On this occasion I managed to revisit data which had been previously generated, thus enabling the process of reflection about emotions and beliefs lived two years ago. The analyzed data are the students' responses to two Potentially Exploitable Reflexive Activities in which I asked them, in a semi-structured interview with the focus group, the purpose of going to school and attending English classes. The discourse shows a high degree of affect in the relationship between students and between students and the teacher, as well as evaluations of affect, judgment and appreciation that permeate my discourse as a teacher-moderator and the students' discourse during the focus group meeting.

## **Keywords**

Exploratory Practice; Applied Linguistics; Focus group; English classes; emotions.

## Sumário

1	Introdução.....	10
2	Fundamentação Teórica.....	14
2.1.	Contribuições da Linguística Aplicada .....	14
2.2.	A Prática Exploratória: princípios, proposições e questões.....	15
2.3.	Crenças e emoções.....	19
2.3.1.	O afeto construído na relação entre alunos e a professora.....	20
2.3.2.	A sala de aula como ambiente de resistência do professor e do aluno .....	23
2.4.	A Linguística Sistêmico-Funcional.....	25
2.5.	O Sistema de Avaliatividade .....	26
2.5.1.	Afeto .....	29
2.5.2.	Julgamento.....	29
2.5.3.	Apreciação.....	29
3	Metodologia .....	31
3.1.	O ambiente escolar em questão .....	32
3.2.	Meus alunos e eu .....	33
3.3.	As ARPE e a transformação das respostas em dados.....	34
3.4.	O encontro com o grupo focal.....	37
4	A busca por entendimentos .....	40
4.1.	Análise das informações geradas na ARPE 1 e na ARPE 2 .....	40
4.1.1.	TEMA EMERGENTE 1: Cumprir obrigações tradicionais de uma escola .....	41
4.1.2.	TEMA EMERGENTE 2: Manter relações sociais .....	42
4.1.3.	TEMA EMERGENTE 3: Estar em um lugar que lhes agrade .....	43
4.1.4.	TEMA EMERGENTE 4: Comer.....	43
4.1.5.	TEMA EMERGENTE 5: Divertir-se .....	44
4.1.6.	TEMA EMERGENTE 6: Ser criança .....	45
4.1.7.	TEMA EMERGENTE 7: Preparar-se para o futuro.....	46
4.2.	Análise das informações geradas na ARPE 2.....	46
4.2.1.	TEMA EMERGENTE 1: Obrigações de sala de aula .....	46
4.2.2.	TEMA EMERGENTE 2: Interação com colegas e a professora ....	47
4.2.3.	TEMA EMERGENTE 3: Ações consideradas normais durante uma aula .....	48
4.2.4.	TEMA EMERGENTE 4: Ser criança .....	49

4.2.5.	TEMA EMERGENTE 5: Aprender Inglês.....	49
4.2.6.	TEMA EMERGENTE 6: Julgamento da aula de inglês e de mim como professora de inglês.....	50
4.3.	Análise das percepções compartilhadas no grupo focal .....	51
4.4.	Análise geral.....	53
5	Considerações Finais .....	64
	Referências Bibliográficas .....	67
	ANEXOS.....	70
	ANEXO I: Dados gerados em turmas de 4º ano em uma escola municipal do RJ.....	71
	ANEXO II: Tabelas ARPE 2016 e 2018 .....	73
	ANEXO III: Roteiro de execução do grupo focal .....	75
	ANEXO IV: Transcrição da conversa com o grupo focal .....	78
	ANEXO V: Temas Emergentes das ARPE e do GRUPO FOCAL .....	82
	ANEXO VI: Fichas preenchidas pelos alunos durante a reunião com o Grupo Focal.....	88
	ANEXO VII: Formulário – Termo de Assentimento .....	91
	ANEXO VIII: Formulário – Termo de Consentimento .....	92

O provimento dos sucessos não vem das conquistas, mas sim das resiliências.

(Loyhan F. Torres)

# 1 Introdução

No decorrer de alguns anos lecionando a língua inglesa em escolas municipais, venho me questionando se exerço satisfatoriamente o meu papel de professora na comunidade escolar. A partir desse questionamento, me proponho a conversar com os meus alunos com o propósito de entender as suas percepções a respeito do que eles vivenciam no complexo e rico ambiente da escola, em particular, da sala de aula de inglês. Tendo em mente os princípios da Prática Exploratória, considero essas conversas como Atividades Reflexivas com Potencial Exploratório (doravante ARPE), visto que elas possibilitam a integração entre a vida e o trabalho, considerando “o trabalho como parte da vida, ou uma atitude para ele, e não uma alternativa” (ALLWRIGHT, 2003, p. 120 apud GIEVE & MILLER, 2006, p.33). Ter a possibilidade de criar, no contexto da escola municipal, atividades pedagógicas e/ou reflexivas de acordo com as ‘necessidades’ das turmas e dos professores é algo motivador, pois me estimula a querer sempre inovar e preparar o que seja realmente relevante para meus alunos e para mim. Considero isso uma conquista pedagógica, tendo em vista as minhas experiências anteriores em cursos de inglês e escolas privadas que possuem conteúdo e materiais fixos a serem rigidamente ministrados a cada aula. Destaco, ainda, minha satisfação com a oportunidade de crescimento pessoal e profissional a partir das experiências vividas na sala de aula de inglês na escola municipal na qual leciono.

Em alinhamento com Gieve e Miller (2006), compreendo que os participantes priorizam o entendimento de suas próprias questões em contraposição ao conteúdo estabelecido por um currículo institucional:

De várias maneiras, esses profissionais estão lidando com seus dilemas em sala de aula, priorizando a qualidade de vida em sala de aula no lugar da grande ênfase institucional dada à qualidade do trabalho em sala de aula. (p.19)<sup>1</sup>

Em 2013, durante o curso de Especialização em Língua Inglesa na PUC-Rio, entrei em contato com a Prática Exploratória e seus princípios ético-reflexivos e, inicialmente, vivi a ansiedade de querer ‘aplicar’ as Atividades Pedagógicas com

---

<sup>1</sup> Tradução do original: “*In various ways, these practitioners are resolving their classroom dilemmas by prioritising quality of classroom life over the overwhelming institutional emphasis given to quality of classroomwork*”.

Potencial Exploratório (doravante APPE) e as Atividades Reflexivas com Potencial Exploratório (doravante ARPE), com o intuito de resolver questões que, para mim, precisavam ser ‘resolvidas’. No entanto, a convivência com a Prática Exploratória e as reflexões feitas sobre tal perspectiva no ambiente acadêmico, me ajudaram a perceber que os propósitos por ela traçados estão mais orientados para o entendimento do que para uma ansiosa busca por melhorias e soluções.

Ainda com base no que Gieve e Miller (2006) consideram realmente significativo em uma aula de inglês, entendo que o foco não deve ser no ‘produto final’ de uma aula, mas sim na ‘qualidade de vida’ vivenciada no decorrer da aula.

Priorizando a qualidade de vida em sala de aula e a escuta dos meus alunos, destaco a fala comum entre grupos de alunos de escolas municipais: “não sabemos falar e escrever em português direito, imagine em inglês”. Essa fala sugere a dificuldade que meus alunos têm de perceber os benefícios que o idioma traz para a vida de quem o aprende, mas também permite entender que a autoestima desses alunos é tão baixa, que eles não se acham dignos de merecer um segundo idioma já que eles acreditam que não dominam o próprio.

Com base em estudos e em reflexões sobre minhas vivências em escolas públicas do Rio de Janeiro, percebo que não somente a baixa autoestima dos alunos, mas também a baixa autoestima de muitos professores da rede municipal constrói a vulnerabilidade existente em muitas salas de aula. Com alunos e professores desmotivados, é difícil imaginar um dia de aula sadio e agradável – no qual alunos e professores possam sentir-se psicologicamente bem e no qual os participantes se relacionem em um ambiente de parceria, calma e amizade. Vivencio momentos de bastante dificuldade no contexto da escola pública. Além das dificuldades na leitura e na escrita dos alunos, percebo carência financeira e afetiva entre professores, alunos, coordenadores e demais membros da comunidade escolar.

A motivação para produzir esta dissertação surgiu durante uma aula que ministrava em uma turma de 4º ano da rede municipal, aula essa que me deixou bastante angustiada devido ao comportamento agressivo dos alunos e a falta de interesse deles nas atividades propostas. Orientada pelos princípios ético-reflexivos e inclusivos da Prática Exploratória (MILLER, 2012) e visando compreender questões advindas do cotidiano escolar, resignifico esta investigação como uma reflexão pessoal intensa sobre minha prática docente e sobre a forma como lido com os meus alunos no dia-a-dia. No intuito de melhor compreender a vida que meus

alunos e eu vivenciamos na escola, converso, em pequenos grupos focais, com meus alunos a respeito de nossa convivência na escola e nas aulas de inglês ministradas em minhas três turmas de 4º ano do Ensino Fundamental I. Para fins desta investigação, trechos relevantes de nossas conversas reflexivas foram transcritos, com a finalidade de analisar o discurso nelas gerado. A análise teve como foco compreender a percepção dos alunos acerca de sua vida escolar e, mais especificamente, das aulas de inglês.

Nesse sentido, a presente pesquisa, de cunho exploratório, é motivada pelo interesse em entender como os alunos percebem ou entendem o que acontece na sala de aula e como as emoções e crenças se fazem presentes no processo de ensino e aprendizagem da língua inglesa.

A perspectiva teórica desta dissertação está construída a partir do principal aporte das teorizações de Allwright (1991-2006) sobre o dia a dia da sala de aula e da ótica da Prática Exploratória, como caminho possível para que alunos e professores trabalhem para entender suas diversas experiências de ensino-aprendizagem. No processo dessa pesquisa, visou alcançar o que Allwright (2000, p.1) nomeia “progresso pessoal e profissional”. Vejo este progresso como algo importante para a minha saúde psicológica e desenvolvimento profissional, objetivando ficar mais consciente das intenções dos participantes, da minha proposta pedagógica, assim como estar apta a fazer um uso melhor do conhecimento e reflexão aqui conquistados. A pesquisa é de caráter qualitativo, por haver “uma íntima relação entre o pesquisador e o que é pesquisado e o fato de este tipo de pesquisa ser capaz de lidar com as limitações situacionais” (GUBA LINCOLN, 2006, p.23), especificamente neste caso, limitações decorrentes da sala de aula.

Na seção seguinte apresento o referencial teórico advindo da Linguística Aplicada (RAJAGOPALAN, 2006), enfatizando o uso da linguagem como prática social em situações do cotidiano. Em seguida, destaco os princípios e proposições da Prática Exploratória (ALLWRIGHT; HANKS, 2009) e seu foco no trabalho para entender, indicando, através da análise das respostas dos meus alunos, como observei a incidência do afeto no discurso reflexivo a respeito da vida em sala de aula que eu e eles construímos nos nossos encontros semanais. A avaliatividade (MARTIN E WHITE, 2005) é o ferramental escolhido para a análise do discurso gerado nas conversas com o grupo focal (ANGROSINO, 2009), assim como na

análise dos temas emergentes decorrentes das ARPE 1 e 2. Nesse discurso, me proponho também a observar as manifestações discursivas do meu papel como professora-pesquisadora na atividade.

## 2 Fundamentação Teórica

Considerando a relevância profissional e pessoal atribuída à investigação de algumas questões decorrentes do meu convívio com alunos de inglês do Ensino Fundamental I da rede municipal de ensino do Rio de Janeiro, buscarei investigar relações entre emoções e crenças (BARCELOS; COELHO, 2010) construídas entre os membros da comunidade escolar. Escolho como pilar desta investigação a perspectiva da Prática Exploratória (ALLWRIGHT, 1991-2006), inserida no campo da Linguística Aplicada (RAJAGOPALAN, 2006). Por buscar inteligibilidade sobre a vida da sala de aula, insiro meu trabalho principalmente no campo da Linguística Aplicada Contemporânea (RAJAGOPALAN, 2006) enfatizando a perspectiva social. Aproprio-me dos princípios da Prática Exploratória (ALLWRIGHT E HANKS, 2009) para resignificar o convívio com meus alunos e minha função como professora de inglês no sistema da rede municipal de ensino e encontro, nas teorizações sobre a importância do afeto e das emoções, construtos que utilizo para analisar o discurso dos alunos gerado a partir das ARPE e das conversas focais.

### 2.1. Contribuições da Linguística Aplicada

A pesquisa na área de Linguística Aplicada (doravante LA) tem apresentado a importância de observarmos situações do dia-a-dia com vistas ao uso da linguagem em tais situações. A referida área não se concentra somente no ensino-aprendizagem de línguas estrangeiras ou maternas, mas também em outras práticas situadas em contextos educacionais ou profissionais.

Nesse contexto, considero imprescindíveis os fatores sociais inerentes ao ambiente escolar, tendo em vista a gama de preciosidades da vida cotidiana para os estudos da linguagem. Sob essa perspectiva, em total concordância com Rajagopalan, em sua entrevista com Silva, Santos e Justina (2012) compreendo que, na Linguística Aplicada, certas questões precisam ser ouvidas, e para tal precisamos:

Pensar a linguagem no âmbito da vida cotidiana que estamos levando. Não fazendo grandes elucubrações... É pensar, não como se pensou durante muito tempo: levar a teoria para a vida prática. Mais que isso, é usar a prática como próprio palco de criação de reflexões teóricas, ou seja, neste âmbito, teoria e prática não são coisas diferentes. A teoria é relevante para a prática porque é concebida dentro da prática. (SILVA; SANTOS; JUSTINA, 2012)

Por entender que a teoria e a prática estão entrelaçadas, me alinho à Prática Exploratória como uma modalidade de pesquisa do praticante (HANKS, 2017). Entendo com a leitura de Miller (2013, p.103) que “professores e alunos desenvolvem simultaneamente seus entendimentos sobre o que estão fazendo como professores e alunos” e que é possível inserir a pesquisa do professor em contextos acadêmicos.

Assim, sob a ótica da LA, percebo a conveniência de nós, professores de língua inglesa no âmbito de escolas públicas, refletirmos acerca da importância do fator social na língua bem como do afeto na construção das propostas pedagógicas no cotidiano escolar.

## 2.2. A Prática Exploratória: princípios, proposições e questões

Aceitar a Prática Exploratória significa entender o [problema] e repensar a ideia de professores como criadores de conhecimento. (ALLWRIGHT, 2006, p.15)<sup>2</sup>

A Prática Exploratória baseia-se em sete princípios<sup>3</sup> (ALLWRIGHT; HANKS, 2009, p.149-151) pautados em ‘priorizar a qualidade de vida; trabalhar primeiramente para entender a vida na sala de aula e em outros contextos

<sup>2</sup> Tradução do original: “*Accepting Exploratory Practice means to understand the problem and also to re-think the idea of teachers as knowledge-makers*”. (ALLWRIGHT, 2006, p.15)

<sup>3</sup> Tradução do original: “*Principle 1: ‘Quality of life’ for language teachers and learners is the most appropriate central concern for practitioner research in our field; Principle 2: Working primarily to understand the ‘quality of life’, as it is experienced by language learners and teachers, is more important than, and logically prior to, seeking in any way to improve it; Principle 3: Everybody needs to be involved in the work for understanding; Principle 4: The work needs to serve to bring people together; Principle 5: The work needs to be conducted in a spirit of mutual development*”.

profissionais; envolver a todos no processo; trabalhar para unir as pessoas; trabalhar para o desenvolvimento mútuo; integrar o trabalho para o entendimento às atividades da comunidade exploratória e fazer do trabalho uma atividade contínua’.

Partindo do conceito de ‘qualidade de vida’ proposto por Allwright (2006, p.16), percebo que durante as aulas, ao mesmo tempo em que se engajam nas atividades de sala de aula, alunos e professores prestam atenção à qualidade de vida que está sendo coconstruída entre os participantes. Com isso, temos a oportunidade de lidar com o conteúdo ali ministrado de forma a priorizar um ambiente prazeroso, tornando a atmosfera mais propícia à aprendizagem. Isso possibilita o meu entendimento e o entendimento dos alunos com relação ao que está acontecendo a cada aula, gerando assim, maior engajamento nas tarefas propostas. Ratifico esse posicionamento com o que Gieve e Miller (2006, p.34) relatam sobre qualidade de vida e qualidade do trabalho:

Dentro desta visão, os profissionais – professores e aprendizes – são vistos como pessoas que tentam alcançar seus entendimentos acessíveis localmente, concentrando-se na qualidade de vida percebida na sala de aula, ao invés de se concentrar diretamente em tentar alcançar uma alta qualidade de trabalho.

A busca por entendimentos a partir da Prática Exploratória tem como destaque a reflexão acerca de questões instigantes, também conhecidas como *puzzles*. Dentre experiências recentes com a Prática Exploratória, destaco a de Moura (2013, p.3) que considera que um *puzzle* ganha vida a partir da necessidade dos participantes de um grupo de compartilhar uma inquietude e descobrir seu potencial coletivo. Tendo em vista as divergências de comportamentos manifestados no ambiente escolar como um todo e, de forma mais situada, no ambiente estabelecido em algumas aulas de inglês, compartilho aqui a satisfação que resulta de poder trabalhar para entender questões advindas no ambiente de sala de aula que me levam à vontade de saber qual o propósito de alunos irem à escola e frequentarem as aulas, em especial, as aulas de inglês.

Conforme apreendido com os princípios da Prática Exploratória, busca-se entender as questões decorrentes do ambiente de sala de aula e não propor mudanças, já que há circunstâncias que não podem ou não precisam ser mudadas,

mas, de início, compreendidas. Entendo que, na Prática Exploratória, priorizar a busca pelo entendimento deva anteceder qualquer intenção de mudança.

Sinto, ainda, que muito do que tenho vivido na escola e na minha sala de aula tem me ensinado a ser uma pessoa mais humilde e empática, o que me leva a me colocar no lugar de um aluno que diz que não gosta da aula de inglês porque sempre acontece perto do horário do almoço e que, com fome, ele não consegue gostar da aula. Isso me faz entender mais profundamente o que ele está vivenciando. A aula de inglês pode oferecer oportunidades de construir conhecimentos linguísticos e culturais dos países de língua inglesa, mas essas oportunidades podem não ser aproveitadas se o entorno dos alunos apresenta questões mais urgentes (fome, violência doméstica, etc.) e assuntos mais instigantes que as propostas da aula em si.

Além dos princípios, destaco a relevância em pautar esta dissertação nas proposições dos aprendizes – aqui entendidos como aqueles que aprendem, sejam eles alunos ou professores ou coordenadores – que norteiam a Prática Exploratória (ALLWRIGHT E HANKS, 2009, p.5-6)<sup>4</sup>:

- Proposição 1: Os aprendizes são indivíduos únicos que aprendem e se desenvolvem melhor de acordo com suas próprias idiossincrasias.
- Proposição 2: Os aprendizes são seres sociais que aprendem e se desenvolvem melhor em um ambiente de apoio mútuo.
- Proposição 3: Os aprendizes são capazes de levar a aprendizagem a sério.
- Proposição 4: Os aprendizes são capazes de tomar decisões independentemente.
- Proposição 5: Os aprendizes são capazes de se desenvolverem como praticantes da aprendizagem.

A partir do estudo das proposições, observo que a Prática Exploratória preza pela valorização da individualidade do aprendiz, que trabalha as suas próprias necessidades, em contraposição aos rígidos e inflexíveis planos de aula; pela convivência em sociedade em um ambiente confortável no qual a aprendizagem

---

<sup>4</sup> Tradução do original: “*Proposition 1: Learners are unique individuals who learn and develop best in their own idiosyncratic ways; Proposition 2: Learners are social beings who learn and develop best in a mutually supportive environment; Proposition 3: Learners are capable of taking learning seriously; Proposition 4: Learners are capable of independent decision making; Proposition 5: Learners are capable of developing as practitioners of learning*”.

pode acontecer de forma mais prazerosa; pela seriedade dos que desejam aprender ao lidarem com o estudo, o que muitas vezes não é visto como real pela escola de modo geral; pela capacidade e maturidade no que diz respeito à tomada de decisões sobre como e o que aprender; e, por fim, a Prática Exploratória preza pela desenvoltura dos aprendizes – agindo, pensando, tomando decisões e colaborando para o seu desenvolvimento em parceria com os demais colegas de sala de aula.

Investigar para entender através da Prática Exploratória me torna uma aprendiz reflexiva disposta a trabalhar, primeiramente em mim, questões anteriormente não consideradas em minha atuação como professora de inglês da rede municipal de ensino. Com base em Buber (1977, p.13): “Torno-me *eu* na relação com o *tu*”, observo a importância das relações interpessoais para o progresso em minha formação pessoal e profissional, assim como vejo a possibilidade de tal crescimento por parte dos alunos envolvidos nesse processo.

Apesar de não ser uma metodologia de ensino, a Prática Exploratória como elemento mediador de ensino-aprendizagem é bastante promissora, pois permite que exploremos determinadas situações do cotidiano escolar com o intuito de entendê-lo para podermos agir em sala de aula a partir desses entendimentos. Allwright e Hanks (2009) destacam, também, que um dos principais objetivos da Prática Exploratória é utilizar a própria sala de aula como espaço e tempo para entendermos o que está em questão no aprendizado de línguas, ou no relacionamento entre pessoas. Isso reforça a ideia de integração que a Prática Exploratória propõe entre o ensino e aprendizagem de atitude investigativa no ambiente escolar:

O principal objetivo da PE é usar o tempo de aula para aprofundar a compreensão do que a aprendizagem de línguas envolve. Allwright procura tornar a investigação menos incômoda, incentivando os professores a usar atividades regulares em sala de aula como ferramentas de pesquisa. (ALLWRIGHT; HANKS, 2009, p. 167)

Com isso, considero relevante mencionar o que Gieve e Miller (2006, p.41) ressaltam sobre “professores e alunos buscando juntos entendimentos e articulando-os uns aos outros”. Através dessa prática cotidiana, todos eles “estão desenvolvendo uma rica percepção de sala de aula pela qual a natureza da experiência da vida em sala de aula se torna qualitativamente aprimorada”.

Ao mencionar a PE como elemento mediador de análise dos dados aqui gerados, cito Barreto et al (p.51) ao mencionarem que a APPE – Atividade Pedagógica com Potencial Exploratório – representa os entendimentos sobre o “fazer cotidiano, ético, crítico e reflexivo” que dá ênfase à “busca de entendimentos mais profundos (a “ação para entender”) em vez da resolução precipitada de problemas (a “ação para mudar”). A partir desse conceito, julgo relevante mencionar também a ARPE – Atividade Reflexiva com Potencial Exploratório – que, nesta pesquisa possibilitou a reflexão acerca das questões decorrentes do dia a dia dos praticantes no ambiente de sala de aula e, mais especificamente, nas aulas de inglês.

No capítulo 3 desta dissertação, explicarei como foram feitos os recortes do discurso produzido pelos alunos, a fim de realizar a análise.

### 2.3. Crenças e emoções

Considero pertinente, primeiramente, definir emoções e crenças sob o ponto de vista da sala de aula. Barcelos (2007, p.113) define crenças como “uma forma de pensamento, construções da realidade, maneiras de ver e perceber o mundo e seus fenômenos, co-construídas em nossas experiências resultantes de um processo interativo de interpretação e (re) significação”. A autora enfatiza que as “crenças são sociais (mas também individuais), dinâmicas, contextuais e paradoxais”.

Rodrigues e Rocha (2016, p.20) mencionam que Smith e Kosslyn (2009), ao definirem emoções, mostram que o termo geralmente refere-se a: “Uma gama de processos físicos e mentais, que incluem aspectos da experiência subjetiva, avaliação, motivação e respostas corporais tais como excitação e expressões faciais”. Os autores também citam Gross e Barret (2011) que se referem às emoções como “uma coleção de estados psicológicos, incluindo a experiência subjetiva e o comportamento expressivo (e.g. facial, corporal, verbal), e a resposta fisiológica periférica (e.g. ritmo cardíaco, respiração)”.

A partir de tais definições, considero relevante relacionar o conceito de “pertencimento emocional”<sup>5</sup>, de Murphey, Prober e Gonzales (2010, p.43) com

---

<sup>5</sup> Traduzido do original: “*emotional belonging*”

meu alinhamento com as proposições sobre aprendizes (ALLWRIGHT, 2006). Assim, corroboro a importância de trabalhar a questão da emoção como fator responsável pelo interesse e bem-estar de alunos e professores no âmbito de ensino e aprendizagem em geral e, em particular, de língua inglesa. Alunos que sentem que *aquela* aula é a *sua* aula e que em tal circunstância a sua participação é importante, conquistam um ambiente emocionalmente seguro e estimulante, impulsionando, assim, o seu aprendizado (MURPHEY, PROBER, GONZALES, 2010, p.44).

Barcelos e Coelho (2010, p.64) citam Zembylas (2003) mostrando o posicionamento do autor que “acredita que o ensino está intimamente relacionado com a emoção”. O ensino aqui é visto como “uma maneira de *ser* e *sentir* historicamente em relação aos outros”.

### **2.3.1. O afeto construído na relação entre alunos e a professora**

Observo que o afeto construído na relação entre os membros da comunidade escolar emerge como confiança e suporte educacional e emocional. Através dessa relação mútua de cumplicidade entre professor e aluno, percebo a relevância da ideia da ‘co-presença’ apresentada por Allwright (1998, p.125) como sendo algo, neste caso o aprendizado e o ensino, que acontece na sala de aula, na presença de outros.

Na mesma perspectiva, adotando a escuta atenta que caracteriza os praticantes exploratórios (MILLER; CUNHA, 2016), observo, com Barcelos e Coelho (2010, p.77), que professores são capazes de fazer da sala de aula “um lugar onde a aprendizagem é possível e sustentável”. Como praticante exploratória, estendo essa afirmação para incluir os alunos na construção coletiva de uma atmosfera mais prazerosa no processo de ensino e aprendizagem. Sinto que o fato de estarmos na presença de outros em tal processo torna a observação do afeto indispensável nas relações estabelecidas nesse ambiente.

Mahn e Steiner (2002) também salientam que as pessoas vêm à existência, atingem a consciência e se desenvolvem ao longo da vida através de suas relações com outras pessoas. Os autores enfatizam que a interdependência social, estabelecida através da conexão humana e do suporte afetivo, possibilita o desenvolvimento da competência. É por meio de suporte colaborativo e afetivo que,

de acordo com Mahn e Steiner (ibid, p.48), geramos para nós e para os outros oportunidades no ambiente de ensino e aprendizagem.

Nessa linha de pensamento, os autores destacam ainda a importância de professores que inspiram os alunos através do carinho e suporte que a eles oferecem, o que certamente proporciona maior engajamento desses alunos nas aulas. Em vista disto, entendo que cabe a nós professores e alunos criarmos ambientes propícios para o desenvolvimento da confiança mútua para que os alunos possam enfrentar suas ansiedades e correr os riscos necessários, não somente para a produção escrita, como mencionam os autores, mas também para a tomada de atitudes e definição de postura e personalidade a serem adotadas no ambiente de ensino-aprendizagem.

Mahn e Steiner, com base em Vygotsky, propõem valorizar a convivência entre os membros da comunidade escolar (professor e alunos) como forma de colaboração mútua para o desenvolvimento de todos os envolvidos no processo de ensino e aprendizagem. Tal contribuição, de perspectiva socioconstrucionista, se alinha com o conceito de ‘co-presença’, termo salientado por Allwright (1998, p.125). No entanto, problematizo se tal colaboração mútua não se constrói apenas em ambientes harmônicos e sim mediante conflitos. Conforme mencionado por Mahn e Steiner (2002, p.49), o termo russo cunhado por Vygotsky (1934/1987, p.341) *perezhivanie* está relacionado com a forma como os participantes percebem, experimentam e processam os aspectos emocionais de uma interação social.

Com isso, considero importante criarmos oportunidades para que os alunos e o professor possam expor seus pontos de vista e questões acerca de seus sentimentos, para que possam, assim, compartilhar o que os aflige e o que os entusiasma no ambiente de sala de aula: “uma parte essencial da *perezhivanie* dos alunos é fornecida por relacionamentos interpessoais na sala de aula” (MAHN; STEINER, 2002, p.57).

Quando as oportunidades são dadas e o ambiente é propício, momentos mútuos de escuta e cumplicidade podem surgir e uma aula agradável e envolvente pode acontecer, conforme mencionam Barcelos e Coelho (2010) ao falarem sobre a “gama de emoções explicitadas nas partilhas das experiências”. Vale destacar que o termo ‘cumplicidade’ mencionado envolve parceria, confiança, harmonia, companheirismo, entendimento e apoio nas mais diversas situações estabelecidas na relação entre alunos e entre alunos e o professor.

Além da cumplicidade, considero relevante a relação entre professor, aluno e os conteúdos a serem ministrados a cada aula, conforme salientado por Palmer (2017, p.102). Entendo essa relação de necessidade de se adequar à determinada realidade, como uma dificuldade no âmbito educacional, tendo em vista as limitações advindas do processo.

Allwright e Hanks (2009) trazem a noção de senso de plausibilidade<sup>6</sup> de Prabhu (1987, p.103-4) a qual nos ajuda a abordar a dificuldade de conciliarmos um método específico de ensino ao desejo de seguir nosso próprio senso de plausibilidade e o dos nossos alunos. Como professores, precisamos acreditar no que estamos fazendo em nossa sala de aula, levando em consideração, especialmente, a nossa experiência pessoal no contexto educacional. Allwright e Hanks (2009, p.7-8) destacam, porém, que nem todos os professores têm essa possibilidade, tendo em vista que determinadas instituições estabelecem currículos a serem rigidamente seguidos, para que sejam cumpridos padrões institucionais de avaliações:

... a educação como um todo está atualmente em um estado de tensão entre duas forças aparentemente irreconciliáveis. A primeira é o desejo dos professores de seguir seu próprio ‘senso de plausibilidade’, usando o termo de Prabhu, sobre a melhor forma de ajudar os alunos a aprender. A segunda é a pressão muitas vezes esmagadora para se adequar às demandas institucionais nacionais de padronização: garantir a prestação de contas seguindo o currículo oficial, ensinando na forma oficialmente aprovada e preparando os alunos para os exames que as autoridades impõem. Essa pressão para a padronização ‘desprofissionaliza’ os professores.

Ao correlacionar o conceito de ‘senso de plausibilidade’ de Prabhu com o termo ‘consciência de sala de aula’<sup>7</sup> de Gieve e Miller (2006, p. 41) acerca do entendimento do que acontece em sala de aula, entendo que ter a oportunidade de propor tarefas reflexivas e estar disposto a engajar-se nessa empreitada possibilita um real crescimento profissional e pessoal no ambiente de ensino e aprendizagem tanto para professores quanto para os alunos.

Cabe ainda mencionar, em alinhamento com Gieve e Miller (2006, p.40), que nossa vida não fica suspensa quando entramos em um contexto institucional, o

---

<sup>6</sup> Traduzido do original: “*sense of plausibility*”

<sup>7</sup> Traduzido do original: “*classroom awareness*”

que nos possibilita observar que o ambiente de sala de aula não nos serve tão somente como local para ensinar e aprender, mas também como ambiente de troca de experiências múltiplas, no qual ouvimos e somos ouvidos, ensinamos e aprendemos a toda hora. Em alinhamento ao ponto de vista de Miccoli (2010, p.33), lamentavelmente percebo que são poucos os professores que se veem como profissionais e que percebem o papel de formadores de cidadãos em sociedade. Aqueles “que ficam presos ao papel de transmissores de conhecimento – à matéria que precisam ensinar ou passar para seus alunos, se esquecem de que a matéria é pretexto”. O texto é aquilo que será escrito pelo aprendiz. O importante é o que será aprendido com o conhecimento alcançado e não com as informações apreendidas.

### **2.3.2. A sala de aula como ambiente de resistência do professor e do aluno**

Tendo em vista a semelhança entre os termos “resistência e resiliência”, inicio esta seção definindo-os de modo a esclarecer que é o sentimento de resistência que caracteriza os membros da comunidade escolar objeto desta pesquisa.

Resistência, segundo o Dicionário de Português Online ‘Léxico’, possui como definições: (1) qualidade do que é sólido: a resistência de uma corda; (2) capacidade de suportar: a resistência de um material ao calor; a resistência à fadiga.

Resiliência, segundo a mesma fonte, é caracterizada pela (1) capacidade de recuperação ou restabelecimento de um ser vivo perante um agente perturbador, uma situação adversa ou um obstáculo; resistência, força; estoicismo: a resiliência das crianças é impressionante; (2) (Mecânica) propriedade que um material possui que lhe permite resistir ao choque e (3) (Física) habilidade que um corpo tem de recuperar a sua forma original após ficar deformado ou sofrer uma colisão.

Cabe ainda acrescentar a definição de Antunes (2003, p.13), que sugere que a resiliência:

representa a capacidade de resistência a condições duríssimas e persistentes e, dessa forma, diz respeito à capacidade de pessoas, grupos ou comunidades não só de resistir às adversidades, mas de utilizá-las em seus processos de desenvolvimento pessoal e crescimento social.

A partir destas definições e da escuta e observação atentas no ambiente escolar, entendo que alunos e professores lidam com as dificuldades ali enfrentadas como uma forma de superar, a cada dia, o incômodo de um ambiente desanimador, sendo a força em resistir responsável por unir as pessoas em torno de ações para a melhoria da situação. O que faz essas pessoas quererem superar, pela mesma situação, faz com que muitos alunos parem de estudar e professores deixem de lecionar em tais escolas. Com base na minha experiência profissional, compreendo que não somente a carência de recursos, mas também salas lotadas, a indisciplina e a falta de funcionários de apoio sejam fatores que contribuam para as ‘lutas diárias’ em prol de um ambiente agradável de ensino e aprendizagem.

Antunes (2003, p.16) enfatiza que “grande parte dos alunos da escola pública brasileira – e não poucos entre seus professores – constitui exemplo extraordinário de pessoas resilientes”. O autor exemplifica dizendo que “tal como algumas árvores, apresentam aparência frágil, curvam-se diante da insidiosa força das tempestades, mas rapidamente superam os desafios e colocam-se de pé”. Com essa passagem do autor e analisando o material de pesquisa, questiono o que faz com que professores continuem lecionando e alunos continuem estudando nessas instituições. E a direção da escola, que passa por tantas dificuldades diariamente diante de problemas diversos com alunos e seus responsáveis, por que eles continuam? Além do fator financeiro, entendo que a vontade de continuar, apesar de tudo, prevalece no ambiente de escola pública. Essa vontade torna o ambiente suscetível a múltiplas emoções e possibilita que a grande maioria dos envolvidos em tal processo busque diariamente uma forma de viver melhor frente às adversidades. A partir desses questionamentos, posso citar os termos mencionados pelos alunos, conforme exibido nas tabelas 1 e 2 (anexo I) “ser uma pessoa melhor” (tabela 1), “ser feliz” (tabela 1), “ter um futuro melhor” (tabela 1), “Ver a tia” (tabela 2), “te amo, tia” (tabela 2), “a tia é muito boa” (tabela 2) como exemplos de *feedback* afetivo que nos fazem continuar a lecionar em meio a tantas dificuldades no âmbito da escola pública.

Considero que estar disposta a ser cada dia melhor como professora e como ser humano me possibilita ‘enxergar’ situações que eu anteriormente não enxergava, a ter a força e a coragem que eu não tinha e me tornar uma pessoa mais resiliente às dificuldades diariamente vividas, tendo em vista que é a “resiliência que determina o grau e os esquemas de defesa que serão desenvolvidos; fortalece

os sistemas de resistência; e cria barreiras à vulnerabilidade às inúmeras e persistentes pressões”. (ANTUNES, 2003, p.15-16)

Alinho-me à ideia de Antunes (2003, p.17) de que “o grau de resiliência pode ser alterado pela educação”, pois a partir da confiabilidade mútua conquistada na convivência entre alunos e professores, somos capazes de lidar com as adversidades da vida vivida na sala de aula da escola pública.

Entendo que a resiliência do aluno seja desenvolvida no convívio com colegas de classe, mas principalmente no convívio com professores empenhados em refletir sobre as condições adversas, procurando melhor entendê-las por meio de Atividades Pedagógicas com Potencial Exploratório conforme mostram os princípios da Prática Exploratória.

#### **2.4. A Linguística Sistêmico-Funcional**

Além da articulação entre o aporte teórico da Linguística Aplicada, da Prática Exploratória e dos estudos acerca de emoções e crenças, a Linguística Sistêmico-Funcional contribuirá para esta pesquisa como o ferramental de análise a partir do Sistema de Avaliatividade.

Vian Jr. (ibid, p. 423) menciona que a Linguística Sistêmico-Funcional (doravante LSF) “pode ser concebida como um modelo holístico para se analisar os textos como produto de relações entre língua, linguagem e seu contexto”. O autor exemplifica tal afirmação ao informar que, “inseridos em contextos socioculturais diversos, os falantes e escritores utilizam a língua para construir significados e para atingir propósitos comunicativos”. A partir desse conceito, observo que os alunos participantes da presente pesquisa, inseridos no contexto educacional de aulas de inglês oferecidas na rede municipal do Rio de Janeiro, têm a possibilidade de construir novos significados a partir do que eles vivenciam a cada dia de aula de Inglês.

Tal sistema, conforme Vian Jr. (ibid, p.119) enfatiza, “engloba todo o potencial existente no sistema linguístico para procedermos a avaliações em nosso cotidiano”, levando-me a concluir, portanto, que a escolha pelo Sistema de Avaliatividade me possibilitará tanto uma análise condizente com a circunstância

na qual os dados foram gerados quanto entendimentos sobre o ambiente construído na sala de aula.

## 2.5. O Sistema de Avaliatividade

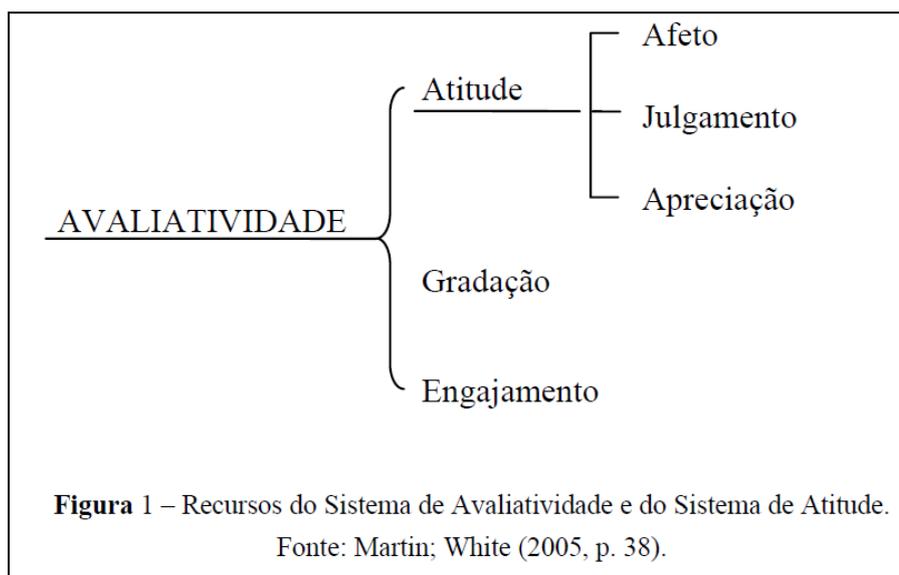
Segundo Martin e White (2005), o Sistema de Avaliatividade, em consonância com a Linguística Sistêmico-Funcional, possibilita a análise de aspectos da avaliação presentes no discurso a partir das escolhas lexicais observadas no discurso gerado na pesquisa.

Citando tais autores, Vian Jr. (2012, p.118), menciona que “um sistema só faz sentido se considerado em relação aos demais sistemas e aos textos em que os exemplos ocorrem”. Isto ratifica o meu propósito de analisar parte dos dados gerados nesta pesquisa, tendo como objeto de análise as ocorrências de afeto e crenças dos alunos com relação ao processo de ensino-aprendizagem de língua inglesa no âmbito de uma escola municipal do Rio de Janeiro.

O autor enfatiza ainda a possibilidade de focarmos em apenas um subsistema ou selecionarmos ocorrências lexicais indicativas de algum aspecto relevante da língua naquele texto, o que me leva a refletir sobre os dados obtidos durante as ARPE (conforme mostram as tabelas 1 e 2) e a entrevista de grupo focal (conforme tabela de transcrição no anexo IV).

Vale destacar que a análise a partir do Sistema de Avaliatividade terá como foco os trechos nos quais eu participo como professora-moderadora da atividade com o grupo focal realizada em 2018, assim como os temas emergentes decorrentes das ARPE 1 e 2.

Para essas análises será utilizado o referencial teórico de Vian Jr (2010, p. 19) pautado na atitude – subsistema do sistema de avaliatividade – “responsável pela expressão linguística das avaliações positivas e negativas que abrange as avaliações de afeto, julgamento e apreciação”, conforme ilustrado a seguir.



O autor (ibid, p.19) ressalta que, “segundo os trabalhos difundidos por pesquisadores ligados à Escola de Sydney, são três os principais tipos de **Atitudes**: expressamos sentimentos e emoções, julgamentos de caráter e avaliações, que podem ser, portanto, categorizados em três tipos de recursos”: afeto, julgamento e apreciação, conforme detalho nas seções a seguir.

Martin (2003, p.161-162) destaca ainda que a avaliação que realizamos depende da posição institucional que ocupamos. Desse modo, é válido ressaltar que, nesta dissertação, as avaliações são realizadas pela professora-pesquisadora e pelos alunos participantes da reunião de grupo focal, realizada dois anos após o processo de geração de dados inicial, ocorrido em 2016.

Vale destacar que para Halliday, “a linguagem é um sistema de escolhas, nem sempre conscientes” (THOMPSON, 2014, p. 35), portanto, as escolhas léxico-gramaticais realizadas pelos alunos durante as atividades propostas estão vinculadas ao contexto no qual estão inseridos.

As tabelas a seguir ilustram exemplos de manifestações de afeto, julgamento e apreciação presentes nos temas emergentes (anexo IV) e na transcrição da conversa com o grupo focal (anexo V).

**TEMAS EMERGENTES:**

<b>AFETO</b>	respostas emocionais (a felicidade, a tristeza, o medo e a aversão a algo)	“fazer amigos”, “ter bons amigos”, “ser uma pessoa melhor”, “fazer o trabalhinho”, “ser feliz”. “eu amo a minha escola”, “te amo, tia”, “sempre te amarei”.
<b>JULGAMENTO</b>	avaliações morais e comportamento (ético, enganoso, corajoso, etc)	“sempre fazer bagunça”; “zoar”.
<b>APRECIACÃO</b>	a qualidade ‘estética’ do texto semiótico/ processos e fenômenos naturais (‘notável, desejável, harmonioso, elegante, inovador’, etc).	“o que não fazer na escola: brigar, zoar os outros e não chegar atrasado”.

Tabela 1 - Avaliatividade

**CONVERSA COM O GRUPO FOCAL:**

<b>AFETO</b>	respostas emocionais (a felicidade, a tristeza, o medo e a aversão a algo)	“É isso, a Maria e a Joana falaram, é isso aí. Pra ver se a gente estava gostando, pra ver se a gente estava interessado nas aulas... Mas e se vocês colocassem assim: “eu venho para a aula de inglês porque tenho que vir, porque a minha mãe manda”? O que eu poderia fazer para vocês ficarem mais interessados?” (turno 7)	insegurança ao apresentar a atividade.
<b>JULGAMENTO</b>	avaliações morais e comportamento (ético, enganoso, corajoso, etc)	“Seria igualzinho?” (turno 126)	falha ética ao questionar sobre o trabalho da outra professora de inglês e uma certa crítica ao ensino tradicionalista em
	constrói a qualidade ‘estética’ do texto semiótico/ processos		induzo as crianças a pensarem no que seria desejável em

<b>APRECIACÃO</b>	e fenômenos naturais ('notável, desejável, harmonioso, elegante, inovador', etc).	“E se a tia Rose fizesse um trabalho desses, vocês iriam gostar?” (turno 124)	uma aula de inglês, não levando em consideração a questão ética com relação ao trabalho desenvolvido pela outra professora de inglês da escola.
-------------------	---	---	---

Tabela 2 - Avaliatividade

### 2.5.1. Afeto

Vian Jr (2010, p.19) e Almeida (2010, p. 101) destacam que o afeto é um recurso semântico utilizado para manifestar as emoções linguisticamente no discurso. Almeida (ibid, p. 101) informa que se trata do registro de sentimentos positivos e negativos, e que as características do afeto indicam que as pessoas possuem bons e maus sentimentos, que são manifestados de forma explícita ou implícita.

### 2.5.2. Julgamento

Vian Jr. (2010, p.19) ressalta que o julgamento utiliza recursos para julgar o caráter, enquanto Almeida (2010, p. 106) enfatiza que o julgamento constrói linguisticamente as avaliações do comportamento das pessoas, ressaltando as qualidades do falante/ escritor. Sob o ponto de vista de Almeida (ibid), o julgamento tem a ver com questões de “ética”, traduzindo, portanto, “a maneira pela qual as pessoas fazem avaliações sobre moralidade, legalidade, capacidade e normalidade sempre determinados pela cultura particular e uma situação ideológica”.

### 2.5.3. Apreciação

A apreciação, segundo Vian Jr (2010, p.19) é a categoria semântica responsável por atribuir valor às coisas. Almeida (2010, p. 108) destaca que é

através dela que são construídas avaliações sobre coisas, objetos e fenômenos. Almeida (ibid) ressalta que “é a apreciação que abrange as reações dos falantes e as avaliações da realidade.

### 3 Metodologia

Quanto mais familiarizados com o nosso interior, mais segura torna-se a nossa prática docente e a vida em si. (PALMER, 2017, p.5)<sup>8</sup>

Motivada a conhecer mais sobre o que acontece em minhas salas de aula e sobre minha vida como praticante exploratória, orientada pelo paradigma da PE, optei por focar minha dissertação de mestrado na postura dos meus alunos do Ensino Fundamental I da rede municipal do Rio de Janeiro e suas questões acerca do convívio no ambiente escolar. A decisão de intensificar minha postura reflexiva natural é consequência de minha interpretação dos princípios da Prática Exploratória.

Tal como mencionado no capítulo anterior, situo a presente pesquisa qualitativa (LINCOLN e GUBA, 2006) no campo da Linguística Aplicada Contemporânea (RAJAGOPALAN, 2006) e, dentro dessa área de estudos, na Prática Exploratória (ALLWRIGHT, 1991-2006), referencial teórico-metodológico base para o seu desenvolvimento, tendo em vista o viés ético-reflexivo por ela proporcionado. O estudo das emoções terá, também, significativa relevância no processo investigativo, contando com o Sistema de Avaliatividade como ferramental de análise textual dos dados gerados.

Vale ressaltar que, segundo Thompson (2000, p.305)<sup>9</sup>, a avaliação é uma abordagem da área de interesse da análise do discurso que foca nas atitudes dos falantes ou escritores em direção ao que eles estão dizendo ou aos seus interagentes. O autor (ibid, p.305) destaca ainda que<sup>10</sup> “o termo ‘avaliação’ é geralmente usado para relacionar quatro conceitos distintos: (1) um conjunto de recursos da língua; (2) um conjunto de significados percebidos através da língua; (3) a função de parte

<sup>8</sup> Tradução do original: *The more familiar we are with our inner terrain, the more surefooted our teaching – and living – becomes.*

<sup>9</sup> Tradução do original: *“Evaluation is one approach to an area of interest in the analysis of discourse that focuses on attitudes of speakers or writers toward what they are saying or towards their interactants”.*

<sup>10</sup> Tradução do original: *“...the term evaluation is commonly used to refer to four related but distinct concepts: (1) a set of language resources (often, refer to as evaluative language), (2) a set of meanings realized through language, (3) the function of part of a text, and (4) an activity carried out by the writer or speaker through language”.*

de um texto; e (4) uma atividade realizada pelo escritor ou falante através da língua”.

A seguir, discorro sobre o contexto de pesquisa e sobre os participantes envolvidos no ambiente escolar investigado, bem como explico como a interação gerada durante as conversas focais foi transformada em ‘dados’. Destaco a discussão dos aspectos éticos relacionados com esta pesquisa.

### 3.1. O ambiente escolar em questão

O ambiente de pesquisa é uma escola municipal situada na zona norte do Rio de Janeiro. A escola possui cerca de seiscentos alunos distribuídos em vinte e uma turmas de Ensino Fundamental I (da Educação Infantil ao 6º ano e Educação Especial) e duas salas de recursos destinadas ao atendimento especializado aos alunos especiais. Em regime de turno único (sete horas diárias), a escola possui professores generalistas (PII) e professores especialistas (PI). As atividades das turmas estão organizadas de modo que os alunos tenham, além das aulas com os professores generalistas, três tempos de Educação Física, dois tempos de Inglês, dois tempos de Artes e dois tempos de Sala de Leitura semanais.

As atitudes compartilhadas nas aulas de inglês, objeto de estudo da presente pesquisa, estão distribuídas entre as turmas de 1º ao 6º ano. Somos três as professoras de inglês responsáveis por estas turmas. Sou professora das turmas de 2º ano (uma turma), 3º ano (duas turmas) e 4º anos (três turmas) da escola aqui mencionada. Além das ARPE realizadas durante as aulas das três turmas de 4º ano (1401, 1402 e 1403), conversas focais foram feitas com o intuito de refletirmos sobre aquelas atividades pedagógicas iniciais. O critério de escolha da turma para analisar foi a maior recorrência do fator sócio-afetivo observado nas construções discursivas registradas durante as aulas da turma 1403, tais como: *“fazer amigos e brincar”*, *“ser uma pessoa boa”*, *“amo a minha escola”*, *“para ser alguém melhor no futuro”*, *“aprender ainda mais sobre a vida”*, *“te amo, tia”*, *“adoro ajudar a tia”*, *“aprender novas línguas”*, dentre outras, que ilustram como os alunos expressaram suas relações de afeto entre alunos e a escola como um todo, entre os

alunos e a professora e, conseqüentemente, entre eles e a disciplina por mim lecionada.

Durante as aulas de inglês, o material utilizado é o livro *Zip from Zog* – volumes 4A e 4B, fornecido pela editora *Learning Factory*, e o caderno de inglês, além de atividades complementares impressas, mini-cartazes e jogos desenvolvidos pelos próprios alunos durante as aulas. Como os livros não levam em conta, na sua integralidade, as realidades vivenciadas pelos alunos, muitas atividades neles propostas são adaptadas de forma a lhes proporcionar aulas mais condizentes com seus interesses.

O ambiente escolar é marcado pela precariedade nas instalações, falta de professores de algumas disciplinas e salas de aula com muitos alunos. Uma das questões mais difíceis que afeta a estrutura física da escola acontece em dias de chuva, em que algumas salas de aula ficam alagadas. A falta de professor de Artes e Sala de Leitura também interfere significativamente na rotina de alunos e professores, além do grande número de alunos em uma sala de aula, o que tem impacto direto no rendimento dos alunos e no bem-estar dos participantes (alunos e professores).

### **3.2. Meus alunos e eu**

Sobre meus alunos, posso dizer que grande parte deles reside em comunidades de baixa renda no entorno da escola, o que me faz levar em consideração, muitas das vezes, que as dificuldades por eles vividas têm grande influência na forma como se comportam no ambiente escolar. Mesmo com as dificuldades apresentadas, muitos desses alunos participam ativamente das aulas de inglês e têm rendimento satisfatório na disciplina.

Além de eles pertencerem a comunidades pobres, muitos são carentes de atenção, alguns com dificuldades de relacionamento e agressivos, outros parceiros e dispostos a aprender. Eles têm entre oito e treze anos de idade, sendo muitos deles defasados com relação à série e idade, devido a dificuldades com leitura e escrita na língua materna e operações matemáticas básicas. Com relação ao inglês, o nível de conhecimento é básico. É um ambiente de múltiplas personalidades, comportamentos e saberes. Enfim, são crianças e adolescentes que me ensinam, a

cada dia, a buscar ser uma pessoa melhor.

Professora de inglês graduada há treze anos pela Universidade Gama Filho, Pós-graduada pela PUC-Rio e, atualmente, mestranda em Estudos da Linguagem pela PUC-Rio, sou servidora estatutária da Secretaria Municipal de Ensino (SME-RJ) desde 2011 e da Secretaria Estadual de Educação (SEEDUC-RJ) desde 2009. Minha experiência como professora de inglês iniciou-se em um curso de idiomas, onde inicialmente eu era aluna da instituição e em seguida fui convidada a lecionar. Além desse curso de idiomas, lecionei em outro curso de renome por aproximadamente três anos, e em duas escolas privadas de Ensino Fundamental. Minha carreira na rede pública de ensino iniciou-se no momento em que eu percebi que precisava de mais autonomia em minha prática docente. Mesmo sabendo das dificuldades que teria pela frente no ambiente de escola pública, optei por seguir essa carreira pela possibilidade de desenvolver um trabalho condizente com os meus desejos como professora e com as necessidades dos alunos. Não posso negar que a estabilidade financeira proporcionada pela carreira pública foi também um grande atrativo para mim.

### **3.3. As ARPE e a transformação das respostas em dados**

A partir da minha interpretação de que os alunos se mostram desinteressados e sem um propósito para ir à escola, orientada pela minha atitude exploratória, conversei informalmente com eles para entender tal desinteresse. Após a conversa informal, solicitei que os alunos escrevessem, em pequenas fichas previamente entregues por mim, suas respostas acerca das duas perguntas “O que você vem fazer na escola?” e “O que você vem fazer na aula de inglês?”.

Durante uma aula de dois tempos (1h40min) de inglês, em uma turma de 4º ano, perguntei aos alunos o que eles pensavam sobre ‘vir para a escola’. Com essa pergunta inicial, que considero o início da minha pesquisa em Prática Exploratória, eu tinha a intenção de ouvir dos alunos qual é o propósito de crianças como eles ‘precisarem’ ir à escola. Após ouvir respostas instigantes acerca desse assunto, percebi que seria um tópico relevante a ser aprofundado no contexto acadêmico em minha pesquisa de mestrado.

Nesse momento de conversa e de escuta, muitos me disseram que vão à escola “porque as mães deles precisam trabalhar, e nós, professoras, ‘devemos tomar conta’ deles enquanto os responsáveis trabalham”. Outros mencionaram que vão à escola “porque têm que ir”, resposta que eu percebo como resultado de pouca ou nenhuma reflexão acerca de tal cotidiano. Em seguida, perguntei aos alunos sobre o propósito deles em ir às aulas de inglês, e tive como retorno “para estudar”, “para aprender a falar inglês” e “para aprender a ler em inglês” como as respostas mais frequentes durante a conversa, retorno esse que eu considero ‘meus entendimentos como praticante exploratória’.

Compreendi, assim, que, com o objetivo de aprofundar os meus entendimentos e os dos meus alunos a respeito da percepção deles sobre sua vida escolar na rede municipal e sobre nossas aulas de inglês nesse contexto, seria possível criar oportunidades específicas de conversa e escuta em pequenos grupos focais (ANGROSINO, 2009). Tal escolha metodológica se deu a partir do entendimento de que o processo de geração de dados poderia ocorrer de forma prazerosa e participativa. No entanto, os aspectos éticos inerentes à pesquisa com alunos e seus responsáveis ocupam posição primordial em todas as etapas de elaboração e desenvolvimento deste estudo, abrangendo os momentos de geração de dados, análise, e exposição dos entendimentos conquistados ao longo da presente pesquisa, conforme destacam Miller e Cunha (2016).

Com isso, é importante ressaltar que a questão da ética, conforme Miller e Cunha (2016, p. 16) enfatizam, está no cerne da Prática Exploratória, entrelaçada em suas práticas.<sup>11</sup> É a postura ética que orienta o trabalho com Prática Exploratória que faz com que nós, professores e alunos exploratórios, criemos uma atmosfera de confiança e respeito, trabalhando por uma experiência de sala de aula na qual a escuta atenta e a reflexão acerca do que ali é vivido é o que realmente importa.

Vale aqui mencionar Miller (2012, p.330) ao tratar da questão da hibridez inerente à Prática Exploratória. Nesse cenário a autora menciona, a partir da interpretação de Richards (2003), que “a prática pedagógica ou profissional de caráter investigativo, que é conduzida por um praticante (professor ou outro

---

<sup>11</sup> “...critical and ethical issues are at the core of the Exploratory Practice rationale and inextricably interwoven in its practices. Thus, we claim that the Exploratory Practice principles entextualize a critical and ethical view of life at school, at the workplace and of the agents involved in these contexts”

profissional), passa a conviver com outras modalidades tradicionais de pesquisa qualitativa realizadas por praticantes – pesquisa-ação, pesquisa reflexiva, pesquisa colaborativa, pesquisa etnográfica, estudos de caso, dentre outras”.

Com isso, destaco a hibridez presente nessa pesquisa, tendo em vista o fato de ela ter se construído inicialmente como pesquisa do praticante exploratório, integrada à pedagogia e com alto teor ético-investigativo, em contraponto com a pesquisa acadêmica, que nos exigiu a solicitação de termos de assentimento e consentimento ao iniciarmos o processo de geração de dados. Ressalto, em consenso com Miller (2012, p.330), que a pesquisa de caráter exploratório não requer quaisquer termos, pois já é ética e integrada ao planejamento e desenvolvimento do processo de ensino-aprendizagem do professor e dos alunos.

Observo, com a reunião do grupo focal, a minha intenção de me encontrar com os alunos para buscar entender a percepção deles a respeito das atividades pedagógicas e reflexivas realizadas em 2016, o que representa um marco de transição da pesquisa exploratória para a pesquisa de orientação acadêmica.

Conforme mencionado anteriormente, pretendo analisar a construção discursiva das emoções e das crenças dos alunos ao expressarem suas percepções sobre sua vida escolar e suas aulas de inglês na escola municipal.

Ao tratar da proximidade pessoal estabelecida entre professores e alunos, Gieve e Miller (2006, p. 32) citam Bakhtin, por entender que é nessa relação que a qualidade de vida na sala de aula, vivenciada na proximidade entre professores e alunos, é construída com confiança, empatia, sensibilidade e boa vontade.

Bakhtin refere-se também a graus de proximidade pessoal entre o destinatário e o falante, o que afeta a ‘confiança do aluno, em sua compaixão, na sensibilidade, e boa vontade da sua compreensão responsiva’ (BAKHTIN, 1986:97)... O uso dessa história de relacionamento e comunicação como recurso dentro de uma comunidade de aprendizagem contribui de forma central para a percepção da qualidade de vida em sala de aula dessa comunidade.<sup>12</sup>

---

<sup>12</sup> Tradução do original: *Bakhtin refers also to degrees of personal proximity of the addressee to the speaker, affecting ‘confidence in the addressee, in his sympathy, in the sensitivity and goodwill of his responsive understanding’ (BAKHTIN, 1986:97), which he associates with intimate speech. The use of this shared history of relationship and communication as a resource within a learning community contributes centrally to its perceived QoCRL.*

Apoiada em Bakhtin, compreendo ainda mais profundamente o quão importante é analisarmos o ambiente de pesquisa, os participantes nele envolvidos, assim como questões externas que interferem significativamente no ambiente escolar que construímos.

Considero que quanto mais próxima eu estiver dos meus alunos, maiores progressos serão possíveis no relacionamento com eles. Ao me mostrar disposta a compreender ‘a vida que eles vivem’ e mostrar que, independentemente das dificuldades, eles são capazes de aprender, encorajo-os a seguir adiante. Faço isso por me sentir motivada a não dar só aulas de inglês, mas também exercer um papel de importância social no ambiente escolar.

### **3.4. O encontro com o grupo focal**

Segundo Barbosa (1999), “a técnica de grupo focal é uma estratégia qualitativa que utiliza um grupo de discussão informal de dimensões reduzidas, com o propósito de obter informações em profundidade”. A partir dessa leitura, compreendo que a proposta deste grupo seja a de procurar interpretar as percepções dos participantes sobre o assunto que levou o grupo a se reunir, sendo esse assunto discutido através de um roteiro de perguntas semi-estruturadas.

Observo como vantagens da técnica de grupo focal a oportunidade de uma interação informal com os membros do grupo, a possibilidade de tentar acessar o grau de satisfação dos participantes e a praticidade no que tange a geração de dados para a presente pesquisa.

Nesse panorama, foi então planejada e realizada a pesquisa de natureza qualitativa com o intuito de revisitar uma Atividade Reflexiva com Potencial Exploratório (ARPE) desenvolvida em 2016, nas turmas do então 4º ano do Ensino Fundamental I da escola municipal campo desta pesquisa. Com esse encontro, objetivamos refletir acerca da tarefa proposta naquela época e analisar como essa tarefa é vista por mim e pelos alunos, hoje alunos do 6º ano do Ensino Fundamental I.

Para a realização do encontro com o grupo focal, selecionei cinco alunos do 6º ano experimental (atual turma 1601) da escola em questão, alunos estes advindos do 4º ano (turma 1403) de 2016, ano em que a investigação de cunho exploratório

tinha se iniciado. O encontro foi realizado no hall do prédio principal da escola, pois não tínhamos uma sala de aula disponível para o nosso encontro. Durante a reunião, procurei registrar aspectos tais como: opiniões, experiências, ideias, observações, preferências e necessidades diversas apresentadas pelos participantes.

É válido informar que o grupo focal foi organizado após a obtenção das devidas assinaturas do TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO, solicitado aos responsáveis dos alunos menores, e do TERMO DE ASSENTIMENTO, individualmente assinado pelos alunos envolvidos. Como pode ser observado nos anexos, nesses termos os responsáveis e participantes são informados do tema a ser abordado nas conversas reflexivas e do uso de trechos das mesmas para fins deste estudo. Note-se que, visando à inteligibilidade de tais termos pelos responsáveis e participantes, houve o cuidado de adequar a linguagem utilizada na explicação da pesquisa.

No decorrer da atividade, eu, como moderadora, tive como funções: incentivar a participação de todos, buscando evitar o predomínio de algum participante sobre os demais, e manter a discussão nos limites dos tópicos de interesse. A duração da sessão de discussão foi de aproximadamente trinta minutos. Os participantes foram informados por mim, no início da reunião, da finalidade e do formato da discussão, do caráter informal da reunião e da necessidade da participação de todos. A reunião foi realizada em ambiente de harmonia apropriado às finalidades propostas. Procurei interferir em alguns momentos para que as naturais divergências de opiniões não interferissem no desenvolvimento da sessão.

Considero interessante relacionar a hibridez que caracteriza a presente pesquisa quanto aos papéis exercidos por mim durante a sessão do grupo focal. Como professora, me senti entusiasmada com a possibilidade de reencontrar os alunos para conversar sobre a ARPE desenvolvida em 2016. Como moderadora, senti certa insegurança por ser a primeira vez com uma atividade na qual a conversa estava sendo gravada.

A discussão do grupo focal foi gravada e posteriormente transcrita. Houve ainda o momento em que os alunos foram convidados a escrever sobre suas atuais percepções sobre a tarefa realizada em 2016, o que possibilitou o registro escrito do ponto de vista de cada participante, procurando-se refletir sobre o conteúdo da discussão.

Posteriormente à realização da sessão de discussão, o áudio da conversa gravada foi ouvido e analisado. Além disso, foi feita a leitura cuidadosa dos registros escritos dos alunos.

## 4 A busca por entendimentos

Neste capítulo apresento a análise dos dados gerados nos dois momentos do processo de geração dos dados em 2016 com as ARPE “O que você vem fazer na escola?” e “O que você vem fazer na aula de inglês?”. Neste momento da pesquisa serão analisadas questões tais como o afeto nas relações construídas entre os participantes, o julgamento da qualidade das aulas, os planos com relação ao futuro, dentre outras questões, conforme detalho nas tabelas a seguir.

### 4.1. Análise das informações geradas na ARPE 1 e na ARPE 2

Primeiramente, em 2016, fizemos uma ARPE com as três turmas de 4º ano, na qual perguntei aos alunos “O que você vem fazer na escola?” e “O que você vem fazer na aula de Inglês?”. Dessas três turmas, escolhi a turma 1403, cujo critério de escolha foi a maior incidência do fator sócio-afetivo observado nas construções discursivas registradas durante as aulas. Os alunos escreveram suas respostas que foram digitadas, conforme apresentadas em sua totalidade no anexo I.

Vale informar que mantive a grafia usada pelos alunos nos documentos que passaram a ser considerados dados. Adotei essa postura em respeito ao texto e à fase na qual os alunos se encontram com relação à forma como escrevem. Portanto, erros de ortografia não serão objeto da minha análise. Destaco ainda que nomes fictícios foram adotados para preservar a identidade dos participantes da presente pesquisa.

Ao expor seus pontos de vista acerca do que entendem por ‘ir à escola’ e ‘ir às aulas de inglês’, os alunos têm a oportunidade de produzir textos nos quais podemos perceber a importância do contexto em que vivem. A partir dessa observação, analisarei as manifestações discursivas de afeto, o que os alunos entendem por aprender a falar, ler e ensinar inglês, o julgamento da qualidade da aula de inglês, os planos que os alunos têm com relação ao futuro, assim como a própria questão de ‘ser criança’ no ambiente escolar.

Ao analisar as respostas dos alunos, transcritas nas tabelas 1 e 2 (anexo I), observo que eles se interessaram em participar da atividade, tendo em vista o número de alunos (30 alunos na ARPE 1) e (29 alunos na ARPE 2) que responderam às questões sobre ir à escola e às aulas de Inglês, o que, muitas vezes não ocorre devido à falta de interesse dos alunos. Com o intuito de melhor analisar os dados obtidos, a seguir, categorizo as respostas às duas perguntas de acordo com temas, que se tornaram emergentes a partir da minha leitura atenta das respostas dos alunos produzidas no decorrer do processo de geração de dados.

Ao longo da análise das respostas dos alunos às duas perguntas da ARPE foram observados e ordenados, a partir da recorrência dos temas em tais respostas, treze temas diferentes, sete temas a partir da ARPE 1: 1. Cumprir obrigações tradicionais de uma escola, 2. Manter relações sociais, 3. Estar em um lugar que lhes agrade, 4. Comer, 5. Divertir-se, 6. Ser criança e 7. Preparar-se para o futuro. A partir da ARPE 2, seis temas foram definidos também ordenados pela recorrência em que aparecem nas respostas dos alunos: 1. Obrigações de sala de aula, 2. Interação com colegas e a professora, 3. Ações consideradas normais durante uma aula, 4. Ser criança, 5. Aprender inglês e 6. Julgamento da aula de inglês e de mim como professora de inglês. Procedo à análise dos temas com a transcrição de alguns exemplos da ARPE 1.

#### **4.1.1. TEMA EMERGENTE 1: Cumprir obrigações tradicionais de uma escola**

O tema “Cumprir obrigações tradicionais de uma escola”, conforme mostrarei na tabela a seguir, enfatiza o princípio “Colocar a qualidade de vida em primeiro lugar” no qual observo que os alunos buscam formas de conviver bem socialmente: “fazer amigos”, “ter bons amigos”, “ser uma pessoa melhor”. Observo ainda o princípio “Trabalhar para que haja aproximação entre as pessoas” e traços da proposição “Os aprendizes são seres sociais que aprendem e se desenvolvem melhor em um ambiente de apoio mútuo”, nas quais a importância dada à amizade potencializa o aprendizado dos participantes no ambiente de ensino-aprendizagem.

Ana	Estudar, fazer amigos e brincar.
Caren	Estudar para aprender e para Escrever também para ter Bons amigos
Denis	Estudar, aprender, ser uma pessoa melhor, ter um bom futuro e ter um bom emprego.
Gláucia	Estudar, aprender, ser alguma coisa no futuro, Brincar, fazer o trabalhinho, ter bons amigos.
Lara	Estudar, fazer bagunça, ler, aprender, e ter bons amigos.

Tabela 1 – Tema emergente 1: Cumprir obrigações tradicionais de uma escola

Observo ainda que os alunos justificam a ida à escola dizendo que ali vão para cumprir obrigações tradicionais tais como “estudar”, “ler”, “aprender a ler”, “escrever” e “fazer o trabalhinho”, o que sugere que os alunos têm conhecimento do que se espera de um ambiente escolar de ensino-aprendizagem. Julgo relevante mencionar ainda, o afeto positivo refletido na satisfação dos alunos com a oportunidade de estudar, que lhes proporciona novas amizades, um futuro melhor e a possibilidade de conquistar um bom emprego.

#### 4.1.2. TEMA EMERGENTE 2: Manter relações sociais

“Manter relações sociais” é um tema que sugere, primeiramente, o princípio “envolver a todos”, tendo em vista a valorização da interação entre amigos. Com essa interação, percebo que “trabalhar para o desenvolvimento mútuo” é uma questão inerente ao tema, visto que a interação social impulsiona o aprendizado mútuo, fato que também integra as proposições “Os aprendizes são seres sociais que aprendem e se desenvolvem melhor em um ambiente de apoio mútuo” e “Os aprendizes são capazes de se desenvolver como praticantes da aprendizagem”.

Gisele	Eu vim para Estudar e Brincar, comer merenda, falar com as minhas amigas, aprender e falar em inglês.
Gertrudes	Estudar, Escrever, Ler, Brincar, fazer Bons amigos.
Gina	eu vim para estudar, brincar com as minhas amigas e fazer [músico] amigos.
Natan	Estudar muito, brincar um pouco, comer, fazer amigos e ser um ótimo aluno. O que não fazer na escola: Brigar, zoar os outros e não chegar atrasado.
Yana	Estudar, Brincar, fazer nova amizade Conhecer nova Amizade, e ser feliz, e não Brigar na escola.

Tabela 2 – Tema emergente 2: Manter relações sociais

Este tema ecoa como fatores importantes em uma relação social: “fazer bons amigos”, “falar com as minhas amigas”, “brincar com as minhas amigas”, “conhecer novas amizades”, “ser um ótimo aluno”, “não brigar” e “aprender”. Observo a capacidade do aluno em explicitar o que seria um comportamento desejável dentro do ambiente escolar – “o que não fazer na escola: brigar, zoar os outros e não chegar atrasado” e percebo também o afeto positivo em forma de felicidade no ambiente escolar em “ser feliz”.

#### 4.1.3. TEMA EMERGENTE 3: Estar em um lugar que lhes agrade

Este tema mostra a importância dos alunos estarem em um lugar onde eles se sintam bem. Os trechos “eu amo a minha escola”, “ser uma pessoa melhor” e “ser feliz” caracterizam a importância do ambiente escolar e da rotina por ele proporcionada na vida dos alunos, conforme ressaltam Murphey, Prober e Gonzales (2010, p.43) ao mencionar o termo “pertencimento emocional” e Allwright (2006) em seu discurso sobre as proposições da Prática Exploratória.

Natália	ME DIVERTIR ESTUDAR BASTANTE FAZER BASTANTE AMIGOS E APRENDER NOVAS COISAS MAIS E MAIS.
Thomaz	Eu vim para aprender, fazer amigos e brincar e sempre fazer bagunça me? Brincadeira eu amo a minha Escola quero ter um futuro melhor Amo Escola e respeitar todos até Os meus amigos.
Yana	Estudar, Brinca, fazer nova tividada Conheser nova Amizadi, i ser feliz, e não Brigar ma escola.

Tabela 3 – Tema emergente 3: Estar em um lugar que lhes agrade

Considero importantes as expressões de afeto positivo dos alunos pela escola: “amo escola” e “ser feliz”, pois mostram o quão engajados no ambiente de ensino-aprendizagem esses alunos estão, colocando a qualidade de vida como prioridade na vida construída na sala de aula.

#### 4.1.4. TEMA EMERGENTE 4: Comer

Considero que “comer”, “almoçar” e “comer merenda” tem relação com a qualidade de vida na sala de aula e na escola. O aluno entende a necessidade de

comer, assim como ocorre fora da escola, como uma necessidade comum na rotina deles, que, portanto deve estar presente no ambiente escolar.

Bernardo	estudar, almoça, brinca, pra ir para escursoes
Gisele	Eu vim para Estudar e Brincar, comer merenda, falar com as mi amigas, aprender e falar emglêns.
Maria	Venho comer Venho brincar Venho estudar
Marcelo	Eu vim comer e aprende e brincar.
Natan	Estudar muito, brincar um pouco, comer, fazer amigos e ser um ótimo aluno. O que não fazer na escola: Brigar, zoar os outros e não chegar atrasada.

Tabela 4 – Tema emergente 4: Comer

“Comer”, na rotina do ambiente da escola pública, tem grande relevância para os alunos, tendo em vista que muitos deles alimentam-se somente na escola. A segurança de saber que também podem comer na escola lhes proporciona confiança na instituição de ensino como o local onde suas necessidades básicas são respeitadas.

#### 4.1.5. TEMA EMERGENTE 5: Divertir-se

“Divertir-se”, assim como “comer”, faz parte da qualidade de vida almejada pelos alunos no ambiente escolar. O discurso dos alunos registrado na tabela a seguir mostra que, no momento da brincadeira, todos estão envolvidos e se desenvolvendo mutuamente. Com a diversão em um ambiente de apoio mútuo, os alunos também são capazes de se desenvolver como praticantes da aprendizagem.

Bernardo	estudar, almoça, brinca, pra ir para escursoes
Deise	Estuda, aprende, brincar, zoar com meus amigos e ter boms amigos e ser uma boa pessoa quando grece.
Eduarda	eu venho para estudar brinca com minhas amigas aprende coisas novas Para eu chega ate a facudade.
Gisele	Eu vim para Estudar e Brincar, comer merenda, falar com as mi amigas, aprender e falar emglêns.
Gertrudes	Estudar, Escrever, Ler, Brincar, fazer Bons amigos.

Tabela 5 – Tema emergente 5: Divertir-se

Os alunos têm consciência de que divertir-se – “brincar”, “zoar” e “me divertir” – faz parte da rotina deles, principalmente na escola, onde têm a oportunidade de interagir com outras crianças. Destaco aqui a coragem da aluna ao mencionar o termo “zoar”. A partir desse termo observo que nem sempre as crianças têm a possibilidade de brincar no ambiente escolar, o que fez com que a aluna clamasse para que a escola permita que ela “seja criança”. Cabe aqui mencionar que grande parte dos meus alunos tem muitas responsabilidades fora da escola, por isso pedem para que a escola os deixe “ser criança”.

#### 4.1.6. TEMA EMERGENTE 6: Ser criança

O tema “ser criança” engloba tópicos tais como “fazer bagunça”, “brigar”, “zoar”, “não chegar atrasada” e “sempre fazer bagunça” como ações esperadas de crianças no ambiente escolar com vistas à qualidade de vida nos aspectos sociais e afetivos.

Amanda	Brincar, aprende, fazer bons amigos, fazer bagunça e zoar.
Lara	Estudar, fazer bagunça, ler, aprender, e ter bons amigos.
Natan	Estudar muito, brincar um pouco, comer, fazer amigos e ser um ótimo aluno. O que não fazer na escola: Brigar, zoar os outros e não chegar atrasada.
Thomaz	Eu vim para aprender, fazer amigos e brincar e sempre fazer bagunça me? Brincadeira eu amo a minha Escola quero ter um futuro melhor Amo Escola e respeitar todos até Os meus amigos.
Yana	Estudar, Brinca, fazer nova tividada Conheser nova Amizadi, i ser feliz, e não Brigar ma escola.

Tabela 6 – Tema emergente 6: Ser criança

Entendo que “sendo crianças” os alunos se aproximam e se desenvolvem mutuamente, conforme indicam os princípios da Prática Exploratória e, ainda, de acordo com as proposições “Os aprendizes são seres sociais que aprendem e se desenvolvem melhor em um ambiente de apoio mútuo” os alunos são motivados a trabalhar em sociedade, cada um se desenvolvendo de acordo com suas idiosincrasias. Como demonstrações de afeto positivo observo a felicidade

expressa em “fazer bagunça” e “zoar” e a satisfação pela oportunidade de “ter bons amigos” na escola.

#### 4.1.7. TEMA EMERGENTE 7: Preparar-se para o futuro

Com os dados aqui obtidos observo que os alunos “são capazes de levar a aprendizagem a sério” e de “se desenvolver como praticantes da aprendizagem”, tendo em vista o foco em terem um futuro melhor.

Denis	Estudar, aprender, ser uma pessoa melhor, ter um bom futuro e ter um bom emprego.
Daniel	Estudar para ficar esperto e ir para faculdade e ganhar emprego.
Eduarda	eu venho para estudar brinca com minhas amigas aprende coisas novas Para eu chega ate a faculdade.
Francisco	Para nos estudar para ter um futuro melhor e ser uma pessoa melhor.
Fabiana	Pra ser alguém melhor no futuro, estudar, aprender ainda mais sobre a vida.

Tabela 7 – Tema emergente 7: Preparar-se para o futuro

“Ter um bom futuro”, “ter um bom emprego”, “para eu chegar até a faculdade”, “ter um futuro melhor”, “ganhar emprego”, “para ser alguém melhor no futuro”, “ser alguma coisa no futuro” e “ficar esperto” mostram o compromisso e o desejo desses alunos com relação ao futuro profissional.

Procedo à análise dos temas com a transcrição de alguns exemplos da ARPE 2, tendo anexado a tabela completa no apêndice do texto. Nesta atividade reflexiva observo que muitos dos temas vistos na ARPE 1 voltaram a emergir na ARPE 2, temas tais como atividades esperadas de uma sala de aula, demonstrações de afeto com relação ao ambiente escolar e tópicos relacionados a “ser criança”.

## 4.2. Análise das informações geradas na ARPE 2

### 4.2.1. TEMA EMERGENTE 1: Obrigações de sala de aula

Com a ARPE 2, observo inicialmente que os alunos entendem que “estudar”, “copiar o dever da tia Aline”, “fazer trabalho” e “aprender inglês” são

vistos como obrigações na sala de aula, caracterizando certo compromisso dos alunos com relação à escola e às aulas de inglês.

Amanda	Eu vim para a aula de inglês para Cópia o dever da tia Aline e para obedecer ela. Porque ela é uma boa professora!!!
Deise	Eu vi para estudar...
Daniel	Eu faço todo na aula de inglês por que eu amo aula de inglês. Para mim a aula de inglês é a segunda melhor aula da escola.
Gertrudes	Eu vim estudar, aprender inglês e fazer trabalho.
Natália	EU VENHO ESTUDAR E APRENDER INGLÊS.

Tabela 1– Tema emergente 1: Obrigações de sala de aula

Percebo o senso de responsabilidade dos alunos nesse tema a partir das respostas acima mencionadas, o que me leva a compreender que eles são capazes de levar a aprendizagem a sério e, envolvendo a todos, são capazes de se desenvolver como praticantes da aprendizagem. Ao mencionar que a aula de inglês é “a segunda melhor aula da escola” percebo certa maturidade do aluno ao expor seu ponto de vista na atividade proposta.

O carinho demonstrado com relação à professora em “Porque ela é uma boa professora” impulsiona os alunos a quererem participar ativamente das atividades propostas tendo em vista a confiança e a admiração por ela.

#### **4.2.2. TEMA EMERGENTE 2: Interação com colegas e a professora**

Este tema é marcado por manifestações discursivas de afeto através da interação dos alunos com colegas e com a professora. Exemplos tais como: “muito feliz”, “eu adoro ajudar a tia”, “ter um dia sempre bom”, “ver a tia”, “te amo, tia”, “sempre te amarei”, mostram a satisfação ao participar das aulas de inglês e ao lidar com a professora no ambiente de ensino-aprendizagem .

Caren	E MUITO FELIS E QUERO APRENDE AULA DE INGLES A TIA E MUITO BOA
Emília	Eu vir para estuda e eu adoro ajudar a tia
Natan	Eu venho aprender inglês com meus colegas.
Thomaz	APRENDER/ ENSINAR E TER UM DIA SEMPRE BOM E VER A TIA. =) TE AMO TIA. E SEMPRE TE AMAREI. TCHAU
Yana	VER A TIA: ALINE E ESDUTAR

Tabela 2 – Tema emergente 2: Interação com colegas e a professora

A satisfação de estar em um ambiente agradável, onde todos têm a oportunidade de interagir em harmonia com a professora e com os colegas de classe, possibilita o envolvimento de todos no processo de ensino-aprendizagem, além de proporcionar que os indivíduos se desenvolvam de acordo com suas idiossincrasias, em um ambiente de apoio mútuo.

#### 4.2.3. TEMA EMERGENTE 3: Ações consideradas normais durante uma aula

Esse tema mostra que “escutar”, “fazer trabalho”, “obedecer” e “ficar conversando no momento relax” são ações consideradas normais durante uma aula.

Amanda	Eu vim para a aula de inglês para Copia o dever da tia Aline e para obedecer ela. Porque ela é uma boa professora!!!
Ana	estudar inguês e ficar conversando no momento relax.
Bernardo	Estudar, escutar, presta atenção, aprender falar inglês
Gertrudes	Eu vim estudar, aprender inglês e fazer trabalho.
Gina	Eu vin para aprende inglês.

Tabela 3 – Tema emergente 3: Ações consideradas normais durante uma aula

Os alunos reconhecem que as ações mencionadas são importantes para o bom andamento da aula de inglês, mostrando que eles são capazes de levar a aprendizagem a sério. Com isso, os alunos compreendem a importância de refletir sobre as propostas do ambiente escolar, levando em consideração o que é desejável para o bom andamento das tarefas.

#### 4.2.4. TEMA EMERGENTE 4: Ser criança

Assim como na ARPE 1, o tema “ser criança” se fez presente nas aulas de inglês. “Fazer bagunça”, “brincar” e “fazer o dever às vezes” indicam a espontaneidade dos alunos ao falar sobre como se comportam no ambiente escolar. “Participar das competições” proporcionadas pela aula de inglês mostra a importância de atividades lúdicas no processo de ensino-aprendizagem.

Lara	Eu vim para a aula de inglês para fazer bagunça e para Brincar e Copiar o dever as vezes.
Joana	Eu gosto partisidas competisoes e da aula

Tabela 4 – Tema emergente 4: Ser criança

A qualidade de vida e a possibilidade de desenvolvimento em um ambiente de apoio mútuo proporcionadas pelo “ser criança” também têm grande importância no andamento das aulas de inglês. “Fazer bagunça” e “copiar o dever às vezes” mostram a coragem da aluna ao “ser criança” no ambiente escolar. A satisfação mostrada em “gosto” indica uma avaliação positiva acerca das atividades propostas nas aulas de inglês.

#### 4.2.5. TEMA EMERGENTE 5: Aprender Inglês

“Aprender inglês” é o tema mais recorrente na ARPE 2. Encontro nas expressões “aprender a falar inglês”, “aprender novas línguas”, “aprender a ler em inglês”, “aprender/ensinar” e “aprendo os países” o interesse e engajamento dos alunos nas aulas de inglês.

Ana	estudar inguês e ficar conversando no momento relax.
Bernardo	Estudar, escutar, presta atenção, aprender falar inglês
Gisele	Eu vim estudar, aprender inglês e fazer trabalho.
Gertrudes	Eu vin para aprende inglês.
Maria	Eu aprendo Inglês. Eu aprendo os países.

Tabela 5 – Tema emergente 5: Aprender inglês

Com foco nas aulas de inglês os alunos se desenvolvem, nessas aulas, de acordo com suas idiossincrasias, em um ambiente de apoio mútuo, levando a aprendizagem a sério, mostrando assim que são capazes de se desenvolver como praticantes da aprendizagem. Observo ainda o orgulho e satisfação da aluna ao dizer que “aprende inglês” e que aprende “sobre os países”, dando ênfase ao que ela avalia como interessante nas aulas de inglês.

#### 4.2.6. TEMA EMERGENTE 6: Julgamento da aula de inglês e de mim como professora de inglês

Há ainda demonstrações de julgamento da aula de inglês e de mim como professora de inglês em “ela é uma boa professora”, “a tia é muito boa” e “a aula de inglês é a segunda melhor aula da escola”.

Caren	E MUITO FELIS E QUERO APRENDE AULA DE INGLES A TIA E MUITO BOA
Marcelo	Eu gosto de vir porque e legal.
Thomaz	APRENDER/ ENSINAR E TER UM DIA SEMPRE BOM E VER A TIA. =) TE AMO TIA. E SEMPRE TE AMAREI. TCHAU
Yana	VER A TIA: ALINE E ESDUTAR

Tabela 6 – Tema emergente 6: Julgamento da aula de inglês e de mim como professora de inglês

Ao perguntar sobre o que os alunos buscam em uma aula de inglês, pude observar que muitos deles realmente se interessam pelas aulas e se esforçam em participar. Alguns alunos mencionaram o fato de quererem aprender inglês porque gostam da professora, o que me leva a considerar que quando há afeto, o aprendizado se dá de forma mais prazerosa. Respostas tais quais “Aprender a falar inglês”, “Aprender a ler em inglês”, “Brincar”, “Obedecer a Tia Aline porque ela é uma boa professora”, “Eu amo a aula de inglês”, “Ficar esperta”, “A tia é muito boa”, “Adoro ajudar a tia”, “Fazer os trabalhos”, “Aprender os trabalhos que a tia Aline passa para nós”, “Aprender e ensinar”, “Te amo, tia. Sempre te amarei.” – me levaram a perceber que os alunos precisavam de uma oportunidade para expressar o que sentem no ambiente da aula de inglês. Com essa oportunidade em mãos, os alunos avaliaram a aula de inglês como um espaço onde há momentos de parceria

e cumplicidade entre eles e a professora, o que possibilita um maior engajamento nas atividades propostas.

### 4.3. Análise das percepções compartilhadas no grupo focal

Em 2018 convidei cinco alunos – de oito a treze anos de idade – aos quais dei os nomes fictícios de Ana, Natan, Joana, Maria e Marcelo da antiga turma 1403 para uma conversa. Estes alunos estavam na turma na qual fiz as ARPE, fazendo a todos as seguintes perguntas: “O que você vem fazer na escola?” e “O que você vem fazer na aula de Inglês?”. Para este grupo focal escolhi estes 5 alunos devido à facilidade de horário para encontrá-los durante os meus tempos vagos, já que eu não estava lecionando para o 6º ano em 2018.

A conversa com o grupo focal foi gravada através de um aplicativo de celular e posteriormente transcrita, conforme mostro no anexo IV. Em seguida os alunos escreveram suas respostas às perguntas feitas na ARPE em 2016.

Tendo como base para a análise os alunos que participaram do processo de geração de dados em 2016 e também da conversa do grupo focal, obtive os dados através das respostas por eles escritas em papéis (anexo VI), conforme mostro a seguir nas tabelas, as quais denominei Tabela ARPE 2016 e Tabela ARPE 2018.

**Tabela ARPE 2016**

<b>Turma 1403 em 2016</b>	<b>O que você vem fazer na escola?</b>	<b>O que você vem fazer na aula de inglês?</b>
Ana	<b>Estudar</b> , fazer amigos e brincar.	estudar inglês e ficar <b>conversando</b> no momento relax.
Natan	<b>Estudar</b> , brincar e ver meus colegas. Para <b>fazer</b> prova	Eu venho <b>aprender</b> inglês com meus colegas.
Joana	Eu venho para a escola pra aprender e <b>brincar</b> .	Eu <b>gosto</b> partisidas competisoes e da aula
Maria	Venho <b>comer</b> Venho <b>brincar</b> Venho <b>estudar</b>	Eu <b>aprendo</b> Inglês. Eu <b>aprendo</b> os países.
Marcelo	Eu vim comer e <b>aprende</b> e brincar.	Eu <b>gosto</b> de vir porque e legal.

Tabela das ARPE 1 e 2 – Cinco alunos: Ana, Natan, Joana, Maria e Marcelo

Observo como temas emergentes **Cumprir obrigações tradicionais de uma escola** – “estudar”, “fazer prova”, “aprender”, **Interações com colegas e a professora** – “conversando no momento relax”, **Aprender inglês** – “aprender inglês”, “aprendo inglês”, “aprendo os países” e o **Julgamento da aula de inglês e de mim como professora** – “eu gosto”.

**Tabela ARPE 2018**

<b>Turma 1601/em 2018</b>	<b>O que você vem fazer na escola?</b>	<b>O que você vem fazer na aula de inglês?</b>
Ana	Estudar para o meu futuro	Aprender inglês para que um dia eu possa ir a outro País e saber fala a língua deles.
Natan	Eu venho aprender	Eu venho aprender porque é importante saber falar inglês
Joana	Estudar para mim ter um grande futuro e também porque eu quero ser uma grande advogada e ser bem sucedida na Vida	Aprender porque nós usamos o inglês para tudo e para estudar e aprender mais.
Maria	Estudar para eu ter um futuro melhor.	Aprender, para um trabalho no futuro.
Marcelo	Eu vim aprender para ser alguém na vida porque eu quero ser uma pessoa importante no mundo todo.	Eu vim aprender porque no mundo todo precisa falar em inglês e eu queria ser uma pessoa importante no mundo todo.

Tabela do Grupo Focal – Cinco alunos: Ana, Natan, Joana, Maria e Marcelo

Trazendo para esta análise os dados obtidos no GRUPO FOCAL em 2018 referentes aos cinco alunos escolhidos para compor o grupo focal, apresento abaixo suas respostas às mesmas perguntas das ARPE, agora no Grupo Focal.

Observo também a intenção dos alunos em **Cumprir obrigações tradicionais de uma escola** – “aprender” e “estudar”, o interesse dos alunos em **Preparar-se para o futuro** – “ter um grande futuro”, “ter um futuro melhor”, “ser alguém na vida”, “ser uma pessoa importante” e “aprender para um trabalho no futuro” e o objetivo deles em **Aprender inglês** – “aprender inglês”, “saber falar inglês”, “nós usamos o inglês para tudo” e “precisa falar inglês”.

Vale destacar o amadurecimento dos alunos a partir das respostas de 2018. No 6º ano as respostas são mais focadas em questões práticas e demonstram menos afeto quando comparadas às respostas de 2016. Reitero, ainda, que mesmo com a demonstração de amadurecimento por parte dos alunos, há certas crenças que são cristalizadas, repassadas aos alunos como crenças de senso comum. “Estudar para o futuro”, “Aprender Inglês para ir para outro país”, “Usamos inglês para tudo”, “Para um trabalho no futuro”, “Ser alguém na vida”, “Ser uma pessoa importante”

são termos ditos pelos alunos na atividade de 2018 que sugerem pouca reflexão acerca dos seus conteúdos.

#### 4.4. Análise geral

Neste capítulo apresento a análise da construção discursiva das emoções e das crenças dos alunos ao expressarem suas percepções sobre sua vida escolar e suas aulas de inglês na escola municipal.

Esta análise possui como fundamentação teórica a Prática Exploratória através dos seus princípios e proposições (ALLWRIGHT e HANKS, 2009, p.5-6), tendo como objeto de análise o afeto demonstrado, primeiramente no processo de geração de dados com as ARPE 1 e 2, e, em um segundo momento, com a atividade de grupo focal. O sistema de Avaliatividade foi o ferramental de análise usado para avaliar a minha participação como professora-moderadora da reunião de grupo focal. Os dados aqui analisados serão os presentes nas tabelas ARPE 2016 e ARPE 2018, os dados obtidos na reunião de grupo focal, através da transcrição presente no anexo IV, assim como as tabelas 1 e 2 de Avaliatividade presentes na seção 2.5.

Conforme já mencionado, em 2016 os dados foram gerados com o intuito de entender o objetivo dos alunos ao irem à escola e às aulas de inglês por mim ministradas. A partir dos dados gerados com as ARPE 1 e 2 pude compreender que ir à escola, sob o ponto de vista dos alunos, não representa somente algo que faça parte da rotina, mas sim uma atividade prazerosa onde eles buscam aprender, brincar, fazer novas amizades, se alimentar e conquistar crescimento pessoal. Compreendi também, através dos termos – “me divertir”, “fazer amigos”, “almoçar”, “comer merenda”, “brincar”, “brincar com meus amigos”, “aprender a ler e escrever”, “ensinar”, “fazer trabalho”, “ser alguém melhor no futuro”, “aprender ainda mais sobre a vida”, “ser uma pessoa melhor”, “ser feliz” – que estar no ambiente escolar proporciona possibilidades em que o convívio com colegas de classe, professores e demais membros no ambiente escolar é o que realmente importa para esses alunos.

Inicialmente, buscando entender as razões que os meus alunos têm para estar na escola e na aula de inglês, observo que, a partir dos princípios da Prática

Exploratória, as ARPE propostas na aula do 4º ano, em 2016, proporcionaram a mim e aos alunos a oportunidade de refletirmos acerca da nossa qualidade de vida no ambiente de ensino-aprendizagem, e não somente no conteúdo didático proposto pela rede municipal de ensino. Tal possibilidade é por eles reconhecida como importante, conforme observo nos trechos “brincar”, “ver meus amigos”, “fazer amigos”, “comer” (tabela 1) e “ficar conversando com os meus colegas”, “gosto de vir porque é legal”, “ter um grande futuro”, “ser bem sucedida na vida”, “ser alguém na vida”, “para um trabalho no futuro”, “ser uma pessoa importante no mundo todo” (tabela 2). Esses trechos mostram o quão interessados os alunos estão nas questões relacionadas ao viver em sociedade e ao futuro por eles almejado.

Tal princípio também me leva a observar que, na transcrição da conversa com o grupo focal, os trechos “Porque a gente pode ter a opinião, falar sobre as coisas da escola...” (turno 121), “E faz tempo que a gente não te vê! Assim a gente se vê de novo!” (turno 122) sugerem que, mais importante que o conteúdo da aula em si, está a satisfação de estar entre amigos e com a professora, além da liberdade de expressar opiniões em uma reunião.

A proposta das ARPE, conforme dados apresentados nas tabelas 1 e 2, teve como intuito trabalhar para entender a vida na sala de aula. Por meio dessa atividade, os alunos se expressaram de forma afetiva como em “eu amo minha escola”, com satisfação em participar de uma atividade que os fez refletir sobre o que eles vivem diariamente no ambiente escolar. Com o grupo focal, os cinco alunos convidados tiveram a oportunidade de viver um momento de reflexão, não somente sobre uma tarefa da qual eles participaram há dois anos, mas também na atual conversa de grupo focal, para entender a vida na sala de aula de 2016 e na sala de aula de 2018.

Ao gerar os dados, em 2016, tive a oportunidade de envolver a todos no processo de reflexão sobre o que acontece no ambiente escolar e, mais especificamente, nas aulas de inglês. Com isso, tivemos também a oportunidade de trabalhar para uma maior aproximação entre os envolvidos (alunos e professora) no processo de ensino-aprendizagem, tendo em vista a união, o carinho e a parceria dos alunos da então turma 1403 convidados a participar da reunião de grupo focal na atual turma 1601, conforme exemplifico com os trechos: “Ah, a Jojo também! A Jojo foi até a última linha! Penúltima...” (turno 75) e “E faz tempo que a gente não te vê! Assim a gente se vê de novo!” (turno 122).

É visível o desenvolvimento dos alunos no decorrer das tarefas propostas, assim como o meu desenvolvimento como professora-moderadora ao longo da conversa com o grupo focal, o que sugere o nosso foco no trabalho para o desenvolvimento mútuo no ambiente escolar. Os alunos, com o passar de dois anos, parecem indicar maior maturidade nos comentários através do interesse em “melhorar como pessoa” e “ficar esperto” para a vida, dando valor ao estudo e o futuro profissional. Eu, como professora-moderadora, mesmo com a dificuldade que tive ao apresentar a proposta ao grupo, considero que, a partir do turno 17 da transcrição da conversa “Por que a gente tem aula de inglês na escola?”, consegui apresentar mais claramente a minha intenção aos alunos, de forma a dar mais fluidez à atividade reflexiva.

A partir das ARPE de 2016, compreendo a necessidade de mantermos a reflexão em todos os momentos de sala de aula, fazendo desse trabalho um empreendimento contínuo. Assim, trabalhamos para compreender o que acontece no ambiente no qual estamos inseridos a cada aula. Essa continuidade me leva a pensar que o ‘trabalho para o entendimento’ deva ser, portanto, integrado à rotina de sala de aula, de forma a levar os participantes a sempre refletirem sobre o que acontece a cada aula, podendo essa reflexão ocorrer de forma escrita ou somente verbal.

Considero ainda relevante uma análise dos depoimentos gerados nas ARPE 2016 e a ARPE 2018 a partir das proposições da Prática Exploratória (ALLWRIGHT e HANKS, 2009, p.5-6). Essas tabelas são recortes das tabelas 1 e 2 e da atividade escrita proposta durante a reunião de grupo focal. Esses recortes foram feitos com o intuito de trabalhar, nesse momento, com os mesmos cinco alunos-participantes do processo de geração de dados das tabelas 1 e 2 e da conversa com o grupo focal. Ou seja, Ana, Natan, Joana, Maria e Marcelo foram os alunos-participantes de 2016 que foram convidados a participar, após dois anos, da conversa de grupo focal.

**ANA**

2016 ARPE	O que você vem fazer na escola?	O que você vem fazer na aula de Inglês?
	Estudar, fazer amigos e brincar.	Estudar Inglês e ficar conversando no momento relax.
2018 GRUPO FOCAL	O que você vem fazer na escola?	O que você vem fazer na aula de Inglês?
	Estudar para o meu futuro.	Aprender inglês para que um dia eu possa ir a outro país e saber falar a língua deles.

Analisando o discurso da aluna Ana, conforme a proposição 1 – os aprendizes são indivíduos únicos que aprendem e se desenvolvem melhor de acordo com suas próprias idiossincrasias – percebo que ela possui um objetivo específico nas aulas de inglês, que é viajar para um país de língua inglesa e conseguir se comunicar no idioma. Esse objetivo faz com que ela tenha um comportamento diferenciado nas aulas de inglês quando comparado ao comportamento dos demais alunos de sala de aula. Em 2018, o interesse da aluna pelas aulas faz com que o olhar dela seja mais direcionado a um aprendizado do conteúdo oferecido pela disciplina, em detrimento do que ela mencionou em 2016, em que o interesse em ‘estudar inglês’ foi mostrado de forma mais generalizada. Cabe ressaltar, citando a proposição 2- Os aprendizes são seres sociais que aprendem e se desenvolvem melhor em um ambiente de apoio mútuo – que a aluna vê na escola a oportunidade de aprendizado em sociedade através das amizades conquistadas nesse ambiente, conforme em “Estudar, fazer amigos e brincar”. ‘Fazer amigos’ faz parte do viver em sociedade no ambiente escolar, no qual um aluno auxilia o outro no processo de ensino-aprendizagem. Cabe ainda mencionar que o fato de a aluna se preocupar em “estudar para o futuro” caracteriza que ela é capaz de levar a aprendizagem a sério, conforme a proposição 3.

**NATAN**

2016 ARPE	O que você vem fazer na escola?	O que você vem fazer na aula de Inglês?
	Estudar, brincar e ver meus colegas. Para fazer prova.	Eu venho aprender Inglês com os meus colegas.
2018 GRUPO FOCAL	O que você vem fazer na escola?	O que você vem fazer na aula de Inglês?
	Eu venho aprender.	Eu venho aprender porque é importante saber falar inglês.

O discurso do aluno Natan, assim como o discurso da aluna Ana, é marcado pelo ‘aprender como um ato social, em que ele menciona “aprender com os meus colegas” como forma de um participante auxiliar o outro para o desenvolvimento mútuo no ambiente escolar. O aluno também mostra certo compromisso com os estudos em “eu venho aprender”, levando-me a perceber seriedade no processo de aprendizagem por parte do aluno. A atitude do aluno ao dizer “eu venho aprender” e “porque é importante” mostra que ele é capaz de se desenvolver como praticante da aprendizagem, conforme a proposição 5.

**JOANA**

2016 ARPE	O que você vem fazer na escola?	O que você vem fazer na aula de Inglês?
	Eu venho para a escola para aprender e brincar.	Eu gosto partidas competições e da aula.
2018 GRUPO FOCAL	O que você vem fazer na escola?	O que você vem fazer na aula de Inglês?
	Estudar para mim ter um grande futuro e também porque eu quero ser uma grande advogada e ser bem sucedida na vida.	Aprender porque nós usamos o inglês para tudo e para estudar e aprender mais.

A partir dos dados da aluna Joana, observo o comprometimento dela com o “aprender” e mostra que “brincar” faz parte do “ser criança” dentro do ambiente escolar. Percebo, portanto que a aluna é capaz de levar a aprendizagem a sério e de

se desenvolver como praticante da aprendizagem, tendo em vista o foco em “ter um grande futuro”, “ser uma grande advogada” e “ser bem sucedida na vida”, o que é observado a partir da ambição da aluna por uma vida melhor.

### MARIA

2016 ARPE	O que você vem fazer na escola?	O que você vem fazer na aula de Inglês?
	Venho comer Venho brincar Venho estudar	Eu aprendo Inglês. Eu aprendo os países.
2018 GRUPO FOCAL	O que você vem fazer na escola?	O que você vem fazer na aula de Inglês?
	Estudar para eu ter um futuro melhor.	Aprender para um trabalho no futuro.

Com base nos dados acima, entendo que a aluna Maria, assim como a aluna Joana, é capaz de levar o aprendizado a sério, sendo essa responsabilidade refletida em “aprender para um trabalho no futuro” e “ter um futuro melhor”. A aluna também expressa o “brincar”, “comer” e “estudar” como parte do processo do “ser criança” no ambiente escolar.

### MARCELO

2016 ARPE	O que você vem fazer na escola?	O que você vem fazer na aula de Inglês?
	Eu vim comer e ‘aprende’ e brincar.	Eu gosto de vir porque é legal.
2018 GRUPO FOCAL	O que você vem fazer na escola?	O que você vem fazer na aula de Inglês?
	Eu vim aprender para ser alguém na vida porque eu quero ser uma pessoa importante no mundo todo.	Eu vim aprender porque no mundo todo precisa falar em inglês e eu queria ser uma pessoa importante no mundo todo.

Com o aluno Marcelo pude observar que ele é capaz de levar o aprendizado a sério ao mostrar sua intenção de “aprender para ser alguém na vida” e querer “ser uma pessoa importante no mundo todo”, o que reflete no seu desenvolvimento e ambição por uma vida melhor.

As tabelas ARPE 2016 e ARPE 2018 marcam dois momentos distintos, o inicial, no qual se deram as ARPE 1 e 2 no qual tive como base a Prática Exploratória, ou seja, uma forma de ensinar e aprender integrada à investigação e o posterior, com a ocorrência da reunião de grupo focal, a qual considero uma modalidade mais próxima de uma atividade de pesquisa. Ao comparar esses dados, observo certa maturidade dos alunos após dois anos. Além da maturidade, percebo que o afeto entre os alunos e o envolvimento pessoal comigo os direcionam a um momento prazeroso de reflexão acerca das atividades propostas na aula de inglês, o que será mostrado mais detalhadamente na análise a seguir.

A partir da análise do discurso presente na tabela de grupo focal, observo a parceria dos alunos no decorrer da atividade proposta. Nos trechos “Me empresta aqui a borracha” (turno 39), “Que barulhão, hein? Quer que eu peça para abaixar um pouquinho” (turno 61) e “Pede para a tia só encostar a porta, para não atrapalhar a nossa gravação?” (turno 62), percebo que os participantes estão a vontade e unidos, objetivando o bom andamento da atividade, o que se ratifica com a proposição 2 da Prática Exploratória: “os aprendizes são seres sociais que aprendem e se desenvolvem melhor em um ambiente de apoio mútuo”. Os trechos “Eu responderia que... é porque... pô, eu vou fazer uma faculdade em um outro país, porque a minha tia mora em outro país, aí eu eu to tentando aprender mais inglês, mais mais e mais...” (turno 32), “Ah, eu vou escrever que eu vim aprender para um trabalho...” (turno 52) e “Pronto, tia. Aprender para um trabalho, para o meu futuro...” (turno 56), mostram que os aprendizes são capazes de levar a aprendizagem a sério, conforme menciona a proposição 3. Já os trechos “Baseei a segunda resposta na primeira resposta porque [trecho confuso] também...” (turno 67) e “Porque a gente pode ter a opinião, falar sobre as coisas da escola...” (turno 121) mostram a capacidade de iniciativa e liberdade de expressão respectivamente, indicando o quão capaz os alunos são de se desenvolverem como praticantes da aprendizagem, conforme a proposição 5.

Vale ressaltar, a partir dos princípios da Prática Exploratória (ALLWRIGHT e HANKS, 2009, p.149-151), que acima do propósito de obter esses

dados por intermédio da conversa com o grupo focal, está o meu intuito de colocar a qualidade de vida em primeiro lugar; envolvendo a todos na conversa como mostra a preocupação da aluna Maria em manter o colega ativo na conversa – “Hum, o que mais? Fala aí, Marcelo. O Marcelo só ta calado” (turno 107); trabalhando para que haja aproximação entre as pessoas, conforme a demonstração de carinho da aluna Ana no turno 75 em “Pô, escreveu bastante, Marcelo! Ah, a Jojo também! A Jojo foi até a última linha! Penúltima...”; trabalhando para o desenvolvimento mútuo, e integrando esse tipo de atividade à nossa rotina de sala de aula.

A seguir analiso, com apoio no Sistema de Avaliatividade, um recorte feito a partir da transcrição da conversa de grupo focal, na qual tenho como objeto de análise a minha participação como professora-moderadora da atividade.

De acordo com Martin (2003, p. 145-146), ao falar sobre afeto observamos questões relacionadas à felicidade, tristeza, medo, aversão, segurança, insegurança, satisfação e insatisfação, confiança, admiração e interesse. Nesse cenário, destaco, inicialmente, a minha dificuldade ao apresentar a proposta de conversa ao grupo. Do turno 1 ao 7 da tabela completa (anexo IV) me restringi a explicar a tarefa aos alunos:

1	ALINE: Eu trouxe umas perguntas pra fazer pra vocês... Em 2016 a gente fez um trabalho que tinha duas perguntas: “O que você vem fazer na escola?” e “O que você vem fazer na aula de inglês?”. Lembram disso? Já tem um tempo... Por que eu fiz esse trabalho? O que vocês acham?
2	MARIA: Pra ver se a gente estava gostando?
3	ALINE: Aham, o que mais?
4	JOANA: Para ver se a gente se interessava ‘para’ as aulas?
5	ALINE: Hum, e se a pessoa não se interessasse? O que eu poderia fazer com as respostas de vocês?
6	(Silêncio)
7	ALINE: É isso, a Maria e a Joana falaram, é isso aí. Pra ver se a gente estava gostando, pra ver se a gente estava interessado nas aulas... Mas e se vocês colocassem assim: “eu venho para a aula de inglês porque tenho que vir, porque a minha mãe manda”? O que eu poderia fazer para vocês ficarem mais interessados?

Do turno 8 ao 16 houve um posicionamento das crianças como alunos do 6º ano:

8	MARCELO: Hum, essa aí...
9	JOANA: Bem difícil...
10	ALINE: Bem difícil?

11	NATAN: Eu já gosto da aula de inglês como é...
12	ANA: Eu acho que todo mundo gosta...
13	NATAN: Nem todo mundo
14	ANA: Da sua!
15	JOANA: A da Tia Rose...
16	ALINE: Mais ou menos?

E, a partir do turno 17, a interação passou a fluir com mais facilidade: “É isso, a Maria e a Joana falaram, é isso aí. Pra ver se a gente estava gostando, pra ver se a gente estava interessado nas aulas... Mas e se vocês colocassem assim: “eu venho para a aula de inglês porque tenho que vir, porque a minha mãe manda”? O que eu poderia fazer para vocês ficarem mais interessados?” (turno 7) observo a minha insegurança ao apresentar a atividade. A ansiedade em ter um retorno dos alunos fez com que eu antecipasse uma possível resposta deles em “eu venho para a aula de inglês porque tenho que vir, porque a minha mãe manda”, causando certa dúvida nos alunos quanto a minha proposta com aquela atividade.

É perceptível o meu sentimento de interesse em fazer parte do universo dos alunos em “Verdade! Tem jogos com um monte de palavras em inglês... aquele... Candycrush? Não, minecraft né?” (turno 28). Nesse trecho pareço expressar a intenção de envolver os alunos na atividade, tendo em vista a relação da língua inglesa com o gosto deles por jogos eletrônicos.

Ao dizer “Ele tá pensando. É porque está todo mundo falando junto, né? Mas o que eu entendi com isso tudo? Eu, eu entendi o que a Joana falou: que a gente se interessa, que a gente gosta de vir pra escola, que a gente gosta de estudar... E esse entendimento que eu tive foi bom ou ruim?” (turno 109) tento passar confiança para o aluno Marcelo, mostrando minha empatia com o fato de ele estar participando pouco da atividade, sentimento que também exteriorizo em “Pronto, tia. Aprender para um trabalho, para o meu futuro... Tudo bem, é a sua opinião” (turno 57), mostrando que independentemente da opinião do aluno, respeito e confio, o que também ocorre em “Ah, entendi. Porque você vem aprender nas aulas e na aula de inglês também, porque é uma aula como outra qualquer, né? Entendi, isso aí!” (turno 68).

Nos trechos “Seja sincero” (turno 35), “Sinceridade” (turno 42), “Pensa, Natan. Sinceridade” (turno 45), projeto minha insegurança com relação ao silêncio do aluno. Ao ver o aluno sem reação à tarefa, sinto que algo deve ser falado, o que

faz com que eu repita várias vezes a questão da ‘sinceridade’, como forma de reforçar que eu estou aguardando um retorno dele. Percebo, ainda no aspecto afetivo, satisfação com a tarefa em “Aham... [silêncio] Pra mim, valeu à pena fazer esse trabalho, e para vocês valeu?” (turno 114) e interesse em obter retorno dos alunos em “Mas o que eu entendi com isso tudo? Eu fiz isso tudo para entender alguma coisa né?” (turno 98).

Martin (2003) aborda tópicos tais como aqueles de caráter ético, enganoso, corajoso, admiração e crítica o que vai de encontro ao que Alba-Juez e Thompson (2014, p.6) mencionam que “a expressão da avaliação está intimamente ligada às emoções humanas”.

Com isso, percebo certa ansiedade da minha parte em “aham, o que mais” (turno 3) “Aham, o que mais?” (turno 95), crítica em “Que barulhão, hein” (turno 60) ao reclamar sobre o barulho vindo da sala de aula de religião; dúvida em “Será que ela fechou a porta?” (turno 69) e em “E vocês, são iguaizinhos ao que eram em 2016?” (turno 129); falha ética da minha parte ao questionar “Seria igualzinho?” (turno 126) sobre o trabalho da outra professora de inglês e uma certa crítica ao ensino tradicionalista em “É só eu chegar e dar aula ou chegar e querer saber...” (turno 88).

Martin (2003) enfatiza ainda tópicos de característica notável, desejável, harmoniosa, elegante, inovadora e reacionista. A partir daí percebo, no trecho “E se a tia Rose fizesse um trabalho desses, vocês iriam gostar?” (turno 124) que induzo as crianças a pensarem no que seria desejável em uma aula de inglês, não levando em consideração a questão ética com relação ao trabalho desenvolvido pela outra professora de inglês da escola. Há também certa reação ao corrigir a aluna em “Língua mundial né? O mundo todo fala inglês... E hoje em dia a gente usa...?” (turno 22), que, apesar de ter sido uma forma de corrigir a aluna, não interferiu no desenvolvimento da conversa.

Como *feedback* do grupo focal, pude perceber a satisfação dos alunos ao participar da atividade, tendo em vista o clima agradável no qual estávamos envolvidos na tarefa proposta. Ao fim da reunião, fizemos um lanche juntos e brindamos com refrigerante o sucesso do nosso encontro.

Por fim, considero relevante destacar a variedade metodológica adotada ao longo desta pesquisa. Inicialmente o processo de geração dos dados teve como base a ARPE de 2016 na qual desenvolvi atividades reflexivas pedagógicas que mostram

a minha construção identitária como professora praticante exploratória. Com o passar do tempo, senti a necessidade de recorrer a uma forma de pesquisa tradicional – a reunião com o grupo focal – na qual tive a oportunidade de me construir como pesquisadora acadêmica, gerando dados por meio de uma técnica convencional em pesquisa qualitativa.

## 5 Considerações Finais

A pesquisa aqui apresentada buscou contribuir para estudos na área da Prática Exploratória, tendo como objetivo principal gerar entendimentos acerca do ambiente de sala de aula no âmbito do ensino e aprendizagem de língua inglesa em uma escola municipal do Rio de Janeiro. A busca por entendimentos contou com o suporte da Prática Exploratória, inserida na Linguística Aplicada, trilhando, assim, passos rumo à compreensão das emoções e crenças discursivamente construídas pelos alunos ao expressarem suas justificativas para ir à escola e às aulas de inglês.

Considero que para entender o meu papel de professora na comunidade escolar, os princípios e proposições da Prática Exploratória desempenharam papel de grande importância, me levando a priorizar o trabalho para entender a qualidade de vida na sala de aula em detrimento do tradicionalismo – a exposição de conteúdos padronizados – no ambiente escolar. Envolvendo a todos no processo e trabalhando para a aproximação entre os participantes, obtive como retorno o interesse dos alunos na atividade proposta, assim como demonstrações de afeto entre os envolvidos. Tivemos como objetivo o trabalho para desenvolvimento mútuo, fazendo desse trabalho um empreendimento contínuo nas demais aulas, além daquelas nas quais os dados para essa pesquisa foram gerados. Com isso pudemos integrar o ‘trabalho para o entendimento’ em nossa rotina nas aulas de inglês.

A partir do meu cotidiano no ambiente de sala de aula e através dessa pesquisa, compreendo que os participantes se desenvolvem melhor de acordo com suas idiossincrasias, em um ambiente de apoio mútuo no qual os aprendizes são capazes de levar a aprendizagem a sério, tomar decisões independentemente e de se desenvolverem como praticantes da aprendizagem, conforme proposições da PE.

O processo de pesquisa iniciou-se em um dia de aula difícil em uma das turmas de 4º ano da escola municipal em questão. A pergunta “O que você vem fazer na escola?” foi feita, em um primeiro momento, de maneira informal e, em seguida, foi transformada na ARPE 1, que me permitiu gerar dados a partir das respostas escritas pelos alunos. Em um segundo momento, na ARPE 2, tive a oportunidade de perguntar aos alunos “O que você vem fazer na aula de inglês?” o que possibilitou uma reflexão mais específica no que diz respeito às aulas de inglês

por mim lecionadas.

Dois anos após o processo de geração dos dados por meio das ARPE 1 e ARPE 2, tive a oportunidade de reunir, em um grupo focal, cinco dos alunos presentes no processo inicial de geração de dados. Nesta reunião pudemos conversar sobre as atividades desenvolvidas quando os cinco alunos estudavam no 4º ano. Atualmente alunos do 6º ano, eles puderam expor suas opiniões acerca das atividades de 2016 e foram convidados a reponder às mesmas questões “O que você vem fazer na escola?” e “O que você vem fazer na aula de inglês” como forma de analisarmos suas opiniões com o passar dos anos. Além da conversa, eles foram incentivados a redigir suas respostas, assim como ocorreu em 2016.

Em consonância com o referencial teórico aqui mencionado, tive como objetivo adquirir a habilidade reflexiva como uma prática constante na minha caminhada, integrando a vida e o trabalho, o que me possibilitou entendimentos diversos relevantes ao meu crescimento pessoal e profissional, sabendo que tal pesquisa trará reflexos que contribuirão para a minha prática docente como um todo.

Assim, entendo que o processo de pesquisa me ajudou a perceber, através de intensa reflexão, que a agressividade e desinteresse dos alunos estão geralmente relacionados, à necessidade que tais alunos têm de “ser criança” no ambiente escolar, o que muitas vezes lhes é tóxico.

Entendo que ter a oportunidade de desenvolver um trabalho reflexivo em sala de aula seja uma conquista pedagógica, fruto de intensa observação e escuta no ambiente escolar. A postura reflexiva possibilita uma maior compreensão sobre o que acontece em sala de aula e proporciona entendimentos diversos sobre o que acontece em nosso entorno, o que contribui significativamente para a saúde psicológica do professor em tal contexto.

Considero o presente trabalho como um importante passo na minha trajetória profissional e acadêmica, proporcionando-me profundas oportunidades de aprendizagem para a vida. Meu primeiro contato com a Prática Exploratória foi em 2013, durante o curso de especialização em Língua Inglesa na PUC-Rio. Nesse momento estive em contato com autores de renome nessa área que me fizeram considerar produzir uma pesquisa com foco na qualidade de vida e demais aspectos para o entendimento do que ocorre na sala de aula.

Tive como motivação para a produção dessa pesquisa um dia difícil como

professora de inglês em uma turma de 4º ano da rede municipal do Rio de Janeiro. Foi a partir da dificuldade que surgiu a intenção de pesquisar por que os alunos vão à escola e às aulas de inglês, levando em consideração seus propósitos e motivações dentro de tal ambiente.

Além do trabalho para entender, através dos princípios e proposições da Prática Exploratória, fundamentei este trabalho na Linguística Aplicada – com ênfase no uso da linguagem como prática social em situações do cotidiano; na incidência do afeto no discurso reflexivo a respeito da vida em sala de aula que os participantes constroem durante as aulas; e na avaliatividade como ferramental de análise da transcrição da conversa com o grupo focal e dos temas emergentes decorrentes das ARPE 1 e 2.

Para concluir, compreendo o ambiente escolar como o local de resiliência mútua no qual os participantes diariamente enfrentam o desafio de conviver em harmonia dentre as dificuldades ali vividas, objetivando a coconstrução da qualidade de vida nesse cenário.

## Referências Bibliográficas

ALBA-JUEZ, L.; THOMPSON, G. The many faces and phases of evaluation. **Evaluation in context**, p. 3-24, 2014.

ALLWRIGHT, D. Contextual factors in classroom language learning: an overview. **Context in language learning and language understanding**, p. 115-134, 1998.

ALLWRIGHT, D. **The notion of progress in research on language teaching and learning**. Unpublished monograph, available from the author at the Department of Linguistics, Lancaster University, UK, 2000.

ALLWRIGHT, D. **Six promising directions in applied linguistics**. In: Gieve, S. & Miller, I. K. *Understanding the language classroom*. Palgrave Macmillan UK, 2006. p. 11-17.

ALLWRIGHT, D.; HANKS, J. **The developing language learner**. Hampshire, 2009.

ALMEIDA, F. S. D. P. **Atitude: afeto, julgamento e apreciação**. VIAN JR, O.; SOUZA, A.; ALMEIDA, F. (orgs.). *A linguagem da avaliação em língua portuguesa. Estudos sistêmico-funcionais com base no sistema da avaliatividade*. São Carlos: Pedro & João Editores, 2010.

ANGROSINO, M. **Etnografia e observação participante: coleção pesquisa qualitativa**. Bookman Editora, 2009.

ANTUNES, C. **Resiliência: a construção de uma nova pedagogia para uma escola pública de qualidade**. Vozes, 2003

BARBOSA, E.F.; GOMES, M.E.S. **A técnica de grupos focais para a obtenção de dados qualitativos**. Educativa, 1999.

BARCELOS, A. M. F. **Reflexões acerca da mudança de crenças sobre ensino e aprendizagem de línguas**. *Revista Brasileira de Linguística Aplicada*, v. 7, n. 2, p. 109-138, 2007.

BARCELOS, A. M. F.; COELHO, H. **Reflexões, crenças e emoções de professores e da formadora de professores**. *Emoções, reflexões e (trans) form (ações) de alunos, professores e formadores de professores de línguas*. Campinas: Pontes, p. 57-81, 2010.

BARRETO, B. C.; REIS, B. M.; MILLER, I. K.; MONTEIRO, M. C. G.; CUNHA, M. I. A.; MOURA, S. M. L. **Atividades com Potencial Exploratório: Caminhos para a coconstrução de entendimentos**. In: SILVA, K. A., MASTRELLA-DE-ANDRADE, M.; PEREIRA FILHO, C.A. (Eds.), *Professoras/es de línguas em foco 3: Ensino-aprendizagem de línguas, parceria universidade-escola e estágio*. Publicação online.

BUBER, M.; VON ZUBEN, N. A. **Eu e tu**. Cortez & Moraes, 1977.

GIEVE, S.; MILLER, I. K. **What Do We Mean by ‘Quality of Classroom Life’?**. In: GIEVE, S.; MILLER, I. K. *Understanding the language classroom*. Palgrave Macmillan UK, 2006. p. 18-46.

HANKS, J. **Exploratory Practice in Language Teaching**. Palgrave Macmillan UK, 2017. p. 1-19.

HUNSTON, S.; THOMPSON, G. **Evaluation in text: Authorial stance and the construction of discourse: Authorial stance and the construction of discourse**. Oxford University Press, UK, 2000.

LINCOLN, Y.; GUBA, E. G. **Controvérsias paradigmáticas, contradições e confluências emergentes**. In: Denzin, Norman. K.; Lincoln Yvonna. S. (orgs), *O planejamento da pesquisa qualitativa*, [69-92]. Porto Alegre, ARTMED, 2006.

LÉXICO – **Dicionário de Português Online**–Disponível em: < <https://www.lexico.pt>>. Acesso em: 25 Jul. 2019.

MAHAN, H.; JOHN-STEINER, V. **The gift of confidence: A Vygotskian view of emotions**. *Learning for life in the 21st century*, p. 46-58, 2002.

MICCOLI, L. S. **O poder da educação continuada para a transformação do ensino. Emoções, reflexões e (trans) form (ações) de alunos, professores e formadores de professores de línguas**. Campinas: Pontes Editores, p. 27-40, 2010.

MILLER, I. K.; CUNHA, M. I. A. 2016. **Exploratory Practice in Continuing Professional Development: Critical and Ethical Issues**. In Dikilitas, K.; ERTEN, I. H. (Eds), *Facilitating In-Service Teacher Training for Professional Development*, (p. 61-85). USA: IGI Global.

MILLER, I. K. **A Prática Exploratória na educação continuada de professores de línguas: inserções acadêmicas e teorizações híbridas**. In: DA SILVA, K. A.; DANIEL, F. G.; KANEKO-MARQUES, S.M.; SALOMÃO, A. C. B. (Org.). *A formação de professores de línguas: Novos olhares*. 1ª ed. Campinas: Pontes, 2012, v. II, p. 319-341.

MOURA, S. M. L; **Trabalhando para entender o “entendimento” – Avaliação em teses e dissertações da Prática Exploratória**, 2013.

MURPHEY, T.; PROBER, J.; GONZALES, K. **Emotional belonging precedes learning**. *Emoções, reflexões e (trans) form (ações) de alunos, professores e formadores de professores de línguas*. Campinas: Pontes, p. 43-56, 2010.

PALMER, P. J. **The courage to teach: Exploring the inner landscape of a teacher's life**. John Wiley & Sons, 2017.

RAJAGOPALAN, K. **Repensar o papel da Linguística Aplicada.** Por uma linguística aplicada indisciplinar. São Paulo: Parábola, p. 149-168, 2006.

RODRIGUES, H.; ROCHA, F. **Uma definição constitutiva de emoções: a constitutive definition of emotions.** Revista Húmus, v. 5, n. 15, 2016.

SILVA, K.; SANTOS, L.; JUSTINA, O. **Entrevista com Kanavillil Rajagopalan: ponderações sobre linguística aplicada, política linguística e ensino-aprendizagem.** Revista de Letras Norte@mentos, v. 4, n. 8, 2012.

VIAN JR, O. **O Sistema de Avaliatividade e a linguagem da avaliação.** VIAN JR, O; SOUZA, A.; ALMEIDA, F. (orgs.). A linguagem da avaliação em língua portuguesa. Estudos sistêmico-funcionais com base no sistema da avaliatividade. São Carlos: Pedro & João Editores, 2010.

## ANEXOS

## ANEXO I: Dados gerados em turmas de 4º ano em uma escola municipal do RJ

TABELA 1:

### **T 1403 - PERGUNTA #1: O QUE VOCÊ VEM FAZER NA ESCOLA?**

1	Amanda	Brincar, aprende, fazer bons amigos, fazer bagunça e zoar.
2	Ana	Estudar, fazer amigos e brincar.
3	Bernardo	esdudar, almoço, brinca, pra ir para escursoes
4	Caren	Esduda a para aprende aler e para Escreze E também para ter Bom a micos
5	Denis	Estuidar, aprender, ser uma pessoa melhor, ter um bom futuro e ter um bom emprego.
6	Deise	Estuda, aprende, brincar, zoar com meus amigos e ter boms amigos e ser uma boa pessoa quando grece.
7	Daniele	Estudar para ficar esperto e ír para facudadi e ganhar inprego.
8	Daniel	Estudar, aprender muitas coisa novas, ler, brincar e souar
9	Eduarda	eu venho para estudar brinca com minhas amigas aprende coisas novas Para eu chega ate a facudade.
10	Emília	Eu vim para estuda e a minha matéria favorita e matemática.
11	Francisco	Para nos estudar para ter um futuro melhor e ser uma pessoa melhor.
12	Fabiana	Pra ser alguém melhor no futuro, estudar, ap-render ainda mais sobre a vida.
13	Gisele	Eu vim para Estudar e Brincar, comer merenda, falar com as mi amigas, aprender e falar emglêns.
14	Gertrudes	Estudar, Escrever, Ler, Brincar, fazer Bons amigos.
15	Gina	eu vim para estudar, princar com a minhas amigas e fazer [msico] amigos.
16	Gláucia	Estudar, aprender, ser alguma coisa no futuro, Brincar, fazer o trabalhinho, ter bons amigos.
17	Joana	Eu venho para a escola pra aprender e brincar.
18	Lara	Estudar, fazar bagunssa, ler, aprender, e ter bons amigos.
19	Clara	Esduda para a prende e para escreva e para ler e para ter bom amicos e para em sinar quem não saber escrever e tam bem quem não sabe ler. FIM
20	Maria	Venho comer Venho brincar Venho estudar
21	Marcelo	Eu vim comer e aprende e brincar.
22	Naiane	Estudar muito, brincar um pouco, comer, fazer amigos e ser um ótimo aluno. O que não fazer na escola: Brigar, zoar os outros e não chegar atrasada.
23	Natan	Estudar, brincar e ver meus colegas. Para fazer prova
24	Natália	ME DIVERTIR ESTUDAR BASTANTE FAZER BASTANTE AMIGOS E APRENDER NOVAS COISAS MAIS E MAIS.

25	Rodrigo	Paestudar a preter [pra copa] matemática
26	Roberto	estudar aprender, e ai aprender
27	Kaio	Estudar, aprende, se sediverti come merenda
28	Thomaz	Eu vim para aprender, fazer amigos e brincar e sempre fazer bagunça me? Brincadeira eu amo a minha Escola quero ter um futuro melhor Amo Escola e respeitar todos até Os meus amigos.
29	Willian	eu vim para estuda
30	Yana	Estudar, Brinca, fazer nova tividada Conheser nova Amizadi, i ser feliz, e não Brigar ma escola.

**TABELA 2:****T 1403 - PERGUNTA #2: O QUE VOCÊ VEM FAZER NA AULA DE INGLÊS?**

1	Amanda	Eu vim para a aula de inglês para Copia o dever da tia Aline e para obedecer ela. Porque ela é uma boa professora!!!
2	Alice	A prender a falar inglês.
3	Ana	estudar inguês e ficar conversando no momento relax.
4	Bernardo	Estudar, escutar, presta atenção, aprender falar inglês
5	Caren	E MUITO FELIS E QUERO APRENDE AULA DE INGLES A TIA E MUITO BOA
6	Denis	Estudar aprender navas línguas.
7	Deise	Eu vi para estudar...
8	Daniel	Eu faço todo na aula de inglês por que eu amo aula de inglês. Para mim a aula de inglês é a segunda melhor aula da escola.
9	Eduarda	Aprende a fala inglês e Aprende a lê em inglês.
10	Emília	Eu vir para estuda e eu adoro ajudar a tia
11	Gertrudes	Eu vim estudar, aprender inglês e fazer trabalho.
12	Gina	Eu vin para aprende inglês.
13	Gláucia	Falar inglês fazer os trabalho abrender.
14	Ingrid	Estudar inglês porque no 2º g fazer a prova – de inglês e ainda é demais!
15	Joana	Eu gosto partisidas competisoos e da aula
16	Kaio	Etuda e abradeor
17	Lara	Eu vim para a aula de inglês para fazer bagunça e para Brincar e Copiar o dever as vezes.
18	Clara	Eu vim a prender os trabalhos que a tia aline pasar para nos
19	Maria	Eu aprendo Inglês. Eu aprendo os países.
20	Marcelo	Eu gosto de vir porque e legal.
21	Natan	Eu venho aprender inglês com meus colegas.
22	Natália	EU VENHO ESTUDAR E APRENDER INGLÊS.
23	Pietro	Estudar e abrider
24	Pablo	Na aula de inglês eu [inpech] número e [ledaser] eu da aula de inglês.
25	Roberto	Eu vi estuda
26	João	Eu vim para aprender inglês e ficar esperta.

27	Thomaz	APRENDER/ ENSINAR E TER UM DIA SEMPRE BOM E VER A TIA. =) TE AMO TIA. E SEMPRE TE AMAREI. TCHAU
28	Vinícius	Aprender inglês.
29	Yana	VER A TIA: ALINE E ESDUTAR

## ANEXO II: Tabelas ARPE 2016 e 2018

### TABELA ARPE 2016

Turma 1403 em 2016	O que você vem fazer na escola?	O que você vem fazer na aula de inglês?
Ana	<b>Estudar</b> , fazer amigos e brincar.	estudar inglês e ficar <b>conversando</b> no momento relax.
Natan	<b>Estudar</b> , brincar e ver meus colegas. Para <b>fazer</b> prova	Eu venho <b>aprender</b> inglês com meus colegas.
Joana	Eu venho para a escola pra aprender e <b>brincar</b> .	Eu <b>gosto</b> partidas competicoes e da aula
Maria	Venho <b>comer</b> Venho <b>brincar</b> Venho <b>estudar</b>	Eu <b>aprendo</b> Inglês. Eu <b>aprendo</b> os países.
Marcelo	Eu vim comer e <b>aprende</b> e brincar.	Eu <b>gosto</b> de vir porque e legal.

**TABELA ARPE 2018**

<b>Turma 1601/em 2018</b>	<b>O que você vem fazer na escola?</b>	<b>O que você vem fazer na aula de inglês?</b>
Ana	Estudar para o meu futuro	Aprender inglês para que um dia eu possa ir a outro País e saber falar a língua deles.
Natan	Eu venho aprender	Eu venho aprender porque é importante saber falar inglês
Joana	Estudar para mim ter um grande futuro e também porque eu quero ser uma grande advogada e ser bem sucedida na Vida	Aprender porque nós usamos o inglês para tudo e para estudar e aprender mais.
Maria	Estudar para eu ter um futuro melhor.	Aprender, para um trabalho no futuro.
Marcelo	Eu vim aprender para ser alguém na vida porque eu quero ser uma pessoa importante no mundo todo.	Eu vim aprender porque no mundo todo precisa falar em inglês e eu queria ser uma pessoa importante no mundo todo.

## **ANEXO III: Roteiro de execução do grupo focal**

### **GRUPO FOCAL – ROTEIRO DE EXECUÇÃO**

#### **1) Os participantes**

Define-se como participantes desta pesquisa, alunos atualmente matriculados no 6º ano do Ensino Fundamental da rede municipal de ensino do Rio de Janeiro. Tais alunos estão sendo convidados a participar dessa reunião de grupo focal para conversar sobre uma Atividade Reflexiva com Potencial Exploratório (ARPE) desenvolvida durante uma aula de Inglês no então 4º ano do Ensino Fundamental de uma escola municipal situada na zona norte do Rio de Janeiro no ano de 2016.

#### **2) Objetivo geral**

Compreender a percepção dos alunos no que tange as tarefas propostas no ambiente de ensino-aprendizagem de inglês nas aulas ministradas em suas respectivas turmas.

#### **3) Objetivos metodológicos**

- a) Incentivar os alunos a refletirem sobre suas perspectivas discentes, assim como sobre as atividades pedagógicas propostas nas aulas de inglês.
- b) A partir de uma reunião informal, verificar como os alunos se comportam e expõem seus pontos de vista acerca do que é proposto com a conversa focal.
- c) Através da gravação de áudio da conversa, identificar se os alunos compreendem o objetivo da conversa focal, assim como desenvolver com eles o pensamento crítico acerca de tal atividade.
- d) Promover a discussão objetivando identificar percepções, opiniões e pontos de vista a respeito dos temas da investigação, correlacionando essa conversa focal com a atividade proposta em 2016 na qual foi questionado, através da Atividade Pedagógica com Potencial Exploratório (APPE) 1, o que os alunos vêm fazer na escola e, através da APPE2 o que eles vêm fazer na aula de Inglês.

#### **4) Conceitos norteadores**

As perguntas norteadoras, que serão detalhadas no item 6.3 deste roteiro de execução, foram idealizadas com base nos princípios da Prática Exploratória e têm como objetivo direcionar a conversa para que na reunião não deixemos de abordar temas que precisam ser mencionados, tais quais:

- a) O objetivo da reunião do grupo focal;
- b) A importância da reflexão dos participantes acerca das tarefas propostas em sala de aula;
- c) O propósito de alunos irem à escola e, mais especificamente, à aula de inglês.

#### **5) Recursos utilizados**

- a) Tempo de duração: aproximadamente 30 minutos.
- b) Espaço físico: ambiente com mesa e cadeiras (hall da escola com somente os alunos envolvidos neste grupo focal);
- c) Recursos: gravador em aplicativo de celular;
- d) Materiais: papel e caneta;
- e) Mediadora;
- f) Cinco alunos convidados.

#### **6) O encontro**

##### **6.1. Recepção dos participantes**

- a) Esclarecimentos sobre o convite para participação da reunião de grupo focal.
- b) Distribuição e explicação sobre os termos de assentimento dos alunos e posterior solicitação de assinatura de termo de consentimento dos responsáveis;
- c) Distribuição dos participantes nos lugares onde a reunião acontecerá.

##### **6.2. Ações prévias à discussão**

- a) Boas vindas aos participantes;
- b) Breves esclarecimentos sobre o contexto da reunião do grupo focal e da pesquisa em si;

- c) Orientações gerais quanto ao desenvolvimento da reunião, tais como a atenção às perguntas da mediadora, o silêncio, o respeito ao momento de fala dos alunos, o controle do tempo e a troca de ideias de forma respeitosa durante a atividade.

### **6.3. Início da discussão**

**1º momento:** Explicar que o propósito desta reunião é conversarmos sobre as APPE 1 e 2 desenvolvidas durante uma aula na qual os alunos estavam cursando o 4º ano do Ensino Fundamental.

**2º momento:** Lançar a primeira pergunta: “Por que vocês acham que, naquele momento da aula de inglês, eu propus essas reflexões?” Aguardar o retorno dos alunos e interferir quando necessário.

**3º momento:** Perguntar: “Por que é importante, nesta nossa reunião de hoje, conversarmos sobre aquela atividade que aconteceu em 2016?” Aguardar o retorno dos alunos e interferir quando necessário.

### **6.4. Término da discussão**

- a) O moderador dá por concluída a reunião;
- b) Agradecimento à presença dos participantes;
- c) Desligamento do aplicativo de gravação;
- d) Análise da gravação e anotações feitas durante a reunião.

## ANEXO IV: Transcrição da conversa com o grupo focal

### ENCONTRO COM O GRUPO FOCAL – REUNIÃO DE 05/04/2018

✚ ALINE

✚ ANA

✚ JOANA

✚ NATAN

✚ MARIA

✚ MARCELO

#### De 00:15 a 11:27

1	ALINE: Eu trouxe umas perguntas pra fazer pra vocês... Em 2016 a gente fez um trabalho que tinha duas perguntas: “O que você vem fazer na escola?” e “O que você vem fazer na aula de inglês?”. Lembram disso? Já tem um tempo... Por que eu fiz esse trabalho? O que vocês acham?
2	MARIA: Pra ver se a gente estava gostando?
3	ALINE: Aham, o que mais?
4	JOANA: Para ver se a gente se interessava ‘para’ as aulas?
5	ALINE: Hum, e se a pessoa não se interessasse? O que eu poderia fazer com as respostas de vocês?
6	(Silêncio)
7	ALINE: É isso, a Maria e a Joana falaram, é isso aí. Pra ver se a gente estava gostando, pra ver se a gente estava interessado nas aulas... Mas e se vocês colocassem assim: “eu venho para a aula de inglês porque tenho que vir, porque a minha mãe manda”? O que eu poderia fazer para vocês ficarem mais interessados?
8	MARCELO: Hum, essa aí...
9	JOANA: Bem difícil...
10	ALINE: Bem difícil?
11	NATAN: Eu já gosto da aula de inglês como é...
12	ANA: Eu acho que todo mundo gosta...
13	NATAN: Nem todo mundo
14	ANA: Da sua!
15	JOANA: A da Tia Rose...
16	ALINE: Mais ou menos?
17	ALINE: Por que a gente tem aula de inglês na escola?
18	ANA: Ah, porque o inglês é...
19	JOANA: O inglês é importante.
20	ANA: O inglês é a língua nacional...
21	JOANA: A gente usa o inglês para tudo...
22	ALINE: Língua mundial né? O mundo todo fala inglês... E hoje em dia a gente usa...
23	JOANA: Pra tudo...
24	ALINE: Pra tudo
25	JOANA: Até para trabalho
26	ANA: Na internet, para jogar, pro trabalho...
27	NATAN: Pra joguinhos de celular, sei lá...
28	ALINE: Verdade! Tem jogos com um monte de palavras em inglês... aquele... Candycrush? Não, minecraft né?
29	NATAN: É, tem muita palavra em inglês lá..
30	JOANA: Aham...

31	ALINE: Hum, tá... Então, eu coloquei aqui a pergunta... se eu fizesse hoje, a mesma pergunta que eu fiz em 2016 assim: “O que você vem fazer na escola?” e “O que você vem fazer na aula de inglês?”, como vocês responderiam?
32	ANA: Eu responderia que... é porque... pô, eu vou fazer uma faculdade em um outro país, porque a minha tia mora em outro país, aí eu eu to tentando aprender mais inglês, mais mais e mais...
33	ALINE: Pra quando você for pra lá, saber falar? Hum... Então a opinião de 2016 é a mesma de agora de 2018? Todo mundo tem a mesma ideia assim: ah, eu venho para a escola estudar inglês porque eu vou ser alguém melhor no futuro... eu vou ter fazer uma faculdade legal no futuro por causa do inglês... Então vamos fazer assim, vamos pensar. Enquanto vocês estão pensando, vocês escrevem para mim, ó: <i>(Os handouts foram entregues para que os alunos escrevessem suas opiniões atuais)</i> Ana, escreve para mim, hoje em dia, em 2018, o que você vem fazer na aula de inglês? Natan, Maria, Joana e Marcelo.
34	MARCELO: (Gesto com as mãos demonstrando que não sabe o que escrever).
35	ALINE: Seja sincero
36	ALINE: O que você, em 2018, vem fazer na escola? E o que você, em 2018, vem fazer na aula de inglês?
37	(Tempo para os alunos redigirem suas respostas).
38	(Barulho externo)
39	ANA: Me empresta aqui a borracha!
40	(Barulho externo)
41	MARIA: Olhar de dúvida para mim.
42	ALINE: Sinceridade
43	(Barulho externo)
44	NATAN: Olhar de dúvida
45	ALINE: Pensa, Natan. Sinceridade...
46	NATAN: Hum...
47	ALINE > NATAN: Você lembra o que você escreveu na sua atividade de 2016?
48	JOANA: Nossa, tia!
49	ALINE: Não? Ah, tem muito tempo né...
50	ALINE: Eu vou pegar para vocês lerem, eu tenho ela aqui... deixa você escrever a de 2018 que eu te mostro a de 2016.
51	MARIA: Escrevi que eu vim aprender um monte de coisa!
52	ANA: Ah, eu vou escrever que eu vim aprender para um trabalho...
53	ALINE: Pensa...
54	(Barulho externo)
55	ALINE: Recebi aqui a resposta do Natan...
56	MARIA: Pronto, tia. Aprender para um trabalho, para o meu futuro...
57	ALINE: Tudo bem, é a sua opinião.
58	ANA: Pronto!
59	(Barulho externo)
60	ALINE: Que barulhão, hein?
61	MARCELO: Quer que eu peça para abaixar um pouquinho?
62	ALINE: Pede pra tia só encostar a porta, pra não atrapalhar a nossa gravação?
63	MARCELO: Tá
64	ALINE: Vou só deixar o Natan escrever que eu vou mostrar pra ele a resposta de 2016...
65	ANA: Eu já acabei, tia...
66	ALINE: Pode deixar aqui.

67	NATAN: Baseei a segunda resposta na primeira resposta porque [trecho confuso] também...
68	ALINE: Ah, entendi. Porque você vem aprender nas aulas e na aula de inglês também, porque é uma aula como outra qualquer, né? Entendi, isso aí!
69	ALINE: Falta só o Marcelo e a Joana. Será que ela fechou lá a porta?
70	ANA: Acho que não...
71	ALINE: É a tia de Religião?
72	ANA: É
73	ALINE: (Os alunos finalizaram a tarefa) Recolhendo... Prontinho, missão cumprida!
74	JOANA: Pô, escreveu bastante, Marcelo!
75	ANA: Ah, a Juju também! A Juju foi até a última linha! Penúltima...
76	ALINE: Hum... aí uma pergunta, enquanto a Jona está acabando de escrever... Em 2016 vcs gostaram de fazer esse trabalho?
77	JOANA, MARIA E ANA: Sim (overlapping)
78	ALINE: Por que?
79	MARIA: Ah, porque você pode saber mais da gente...
80	JOANA: A gente pode também se expressar 'do que a gente acha das aulas'...
81	ANA: Isso
82	NATAN: Eu ia falar isso, de se expressar... eu ia falar a mesma coisa...
83	ANA: Isso, isso...
84	ALINE: Mas não é importante eu saber a opinião de vocês?
85	MARIA: É, aham...
86	ALINE: Por que é importante?
87	ANA: Hum..
88	ALINE: É só eu chegar e dar aula ou chegar e querer saber...
89	ANA: Conhecer a gente melhor!
90	ALINE: Hum... Não é só eu chegar com o que eu sei e dizer "eu vou dar aula" e quando der a aula eu falar 'tchau', acabou. É chegar, dar aula, conversar com vocês, saber o que vocês gostam e o que vocês não gostam, pra gente ir adaptando... Nenhuma turma é igual à outra, né? A turma da Tia Daniele me deu respostas bem diferentes das respostas de vocês... Cada um tem um jeito de se expressar, né?
91	ALINE: Agora olha só, outra pergunta: o que vocês acham que eu entendi com esse papelzinho naquele dia lá em 2016 e com esse novo de 2018? O que eu vou entender com isso tudo? Por que vocês acham que eu to fazendo o trabalho da faculdade com isso?
92	MARIA: Porque gostaram do nosso trabalho...?
93	ALINE: Aham, porque gostaram do nosso trabalho...
94	JOANA: Porque acharam bem interessante e pq é uma forma de a gente se expressar bem, tipo a nossa opinião...
95	ALINE: Ahaam... o que mais?
96	ANA: Isso
97	MARIA: É isso...
98	ALINE: Mas o que eu entendi com isso tudo? Eu fiz isso tudo para entender alguma coisa né?
99	JOANA: Se a gente tá aprendendo na aula de inglês?
100	ALINE: Aham
101	NATAN: Se nós aprendemos Inglês.
102	JOANA: Que nós gostamos de vir à escola para aprender as coisas...
103	ANA: Se nós entendemos as perguntas, essas coisas... com as nossas respostas...
104	ALINE: Se eu entendi as respostas de vocês?
105	ANA: é

106	ALINE: Hum, o que mais? Fala aí, Marcelo.
107	MARIA: O Marcelo só tá calado.
108	MARCELO: Eu tô pensando! Só que tá todo mundo falando!
109	ALINE: Ele tá pensando. É porque está todo mundo falando junto, né? Mas o que que eu entendi com isso tudo? Eu, eu entendi o que a Joana falou: que a gente se interessa, que a gente gosta de vir pra escola, que a gente gosta de estudar... E esse entendimento que eu tive foi bom ou ruim?
110	TODOS: Foi bom!
111	ALINE: Por que?
112	MARIA: Por causa...
113	NATAN: Foi uma resposta positiva...
114	ALINE: Aham... [silêncio] Pra mim, valeu à pena fazer esse trabalho, e para vocês valeu?
115	TODOS: Sim!!
116	ALINE: Sim? Por que?
117	ANA: Ué, porque se a gente não tivesse feito, a gente não 'taria' aqui agora com você!
118	ALINE: Ah! E é legal estar aqui hoje?
119	MARCELO: Sim!
120	ALINE: Por que?
121	JOANA: Porque a gente pode ter a opinião, falar sobre as coisas da escola...
122	ANA: E faz tempo que a gente não te vê! Assim a gente se vê de novo!
123	ALINE: Ah! E aí mata saudades de mim... Entendi! Deixa eu ver se tenho mais perguntas para fazer...
124	ALINE: Agora vocês estão com a Tia Rose. E se a Tia Rose fizesse um trabalho desses, vocês iriam gostar?
125	TODOS: Sim!
126	ALINE: Seria igualzinho?
127	JOANA: Sim, eu acho...
128	ANA: A pessoa que estivesse dando não, mas o trabalho sim...
129	ALINE: E vocês, são iguaizinhos ao que eram em 2016?
130	MARIA: Não...
131	ALINE: Por que?
132	JOANA E MARIA: Porque agora a gente já tá mais maduro... já já... isso foi no 4º ano! Agora a gente já tá no 6º...
133	ALINE: Então a cabecinha da gente vai mudando todos os dias, né?
134	JOANA: Aham...
135	ALINE: Dois anos se passaram... eu, há dois anos atrás, era uma pessoa, agora já sou outra! Já mudei bastante!
136	MARIA: Ah é! Agora tem o Dudu, né?
137	ALINE: Pois é, já tem o Dudu! Quanta coisa mudou! Então é uma coisa para a gente pensar...

## ANEXO V: Temas Emergentes das ARPE e do GRUPO FOCAL

### ARPE 1: O que você vem fazer na escola?

#### TEMA EMERGENTE 1: Cumprir obrigações tradicionais de uma escola

Amanda	Brincar, aprende, fazer bons amigos, fazer bagunça e zoar.
Ana	Estudar, fazer amigos e brincar.
Bernardo	esdudar, almoça, brinca, pra ir para escursoes
Caren	Esduda a para aprende aler e para Escreze E também para ter Bom a micos
Denis	Estuidar, aprender, ser uma pessoa melhor, ter um bom futuro e ter um bom emprego.
Deise	Estuda, aprende, brincar, zoar com meus amigos e ter boms amigos e ser uma boa pessoa quando grece.
Daniele	Estudar para ficar esperto e ír para facudadi e ganhar inprego.
Daniel	Estudar, aprender muitas coisa novas, ler, brincar e souar
Eduarda	eu venho para estudar brinca com minhas amigas aprende coisas novas Para eu chega ate a facudade.
Emília	Eu vim para estuda e a minha matéria favorita e matemática.
Francisco	Para nos estudar para ter um futuro melhor e ser uma pessoa melhor.
Fabiana	Pra ser alguém melhor no futuro, estudar, ap-render ainda mais sobre a vida.
Gisele	Eu vim para Estudar e Brincar, comer merenda, falar com as mi amigas, aprender e falar emglêns.
Gertrudes	Estudar, Escrever, Ler, Brincar, fazer Bons amigos.
Gina	eu vim para estudar, princar com a minhas amigas e fazer [msico] amigos.
Gláucia	Estudar, aprender, ser alguma coisa no futuro, Brincar, fazer o trabalhinho, ter bons amigos.
Joana	Eu venho para a escola pra aprender e brincar.
Lara	Estudar, fazar bagunssa, ler, aprender, e ter bons amigos.
Clara	Esduda para a prende e para escreva e para ler e para ter bom amicos e para em sinar quem não saber escrever e tam bem quem não sabe ler. FIM
Maria	Venho comer Venho brincar Venho estudar
Marcelo	Eu vim comer e aprende e brincar.
Naiane	Estudar muito, brincar um pouco, comer, fazer amigos e ser um ótimo aluno. O que não fazer na escola: Brigar, zoar os outros e não chegar atrasada.
Natan	Estudar, brincar e ver meus colegas. Para fazer prova
Natália	ME DIVERTIR ESTUDAR BASTANTE FAZER BASTANTE AMIGOS E APRENDER NOVAS COISAS MAIS E MAIS.
Rodrigo	Paestudar a preter [pra copa] matenática

	estudar aprender, e ai aprender
Roberto	Estudar, aprende, se sediverti come merenda
Thomaz	Eu vim para aprender, fazer amigos e brincar e sempre fazer bagunça me? Brincadeira eu amo a minha Escola quero ter um futuro melhor Amo Escola e respeitar todos até Os meus amigos.
Willian	eu vim para estuda
Yana	Estudar, Brinca, fazer nova tividada Conheser nova Amizadi, i ser feliz, e não Brigar ma escola.

### TEMA EMERGENTE 2: Manter relações sociais

Daniel	Estudar, aprender muitas coisa novas, ler, brincar e souar
Gisele	Eu vim para Estudar e Brincar, comer merenda, falar com as mi amigas, aprender e falar emglêns.
Gertrudes	Estudar, Escrever, Ler, Brincar, fazer Bons amigos.
Gina	eu vim para estudar, princar com a minhas amigas e fazer [msico] amigos.
Gláucia	Estudar, aprender, ser alguma coisa no futuro, Brincar, fazer o trabalhinho, ter bons amigos.
Joana	Eu venho para a escola pra aprender e brincar.
Lara	Estudar, fazar bagunssa, ler, aprender, e ter bons amigos.
Clara	Esduda para a prende e para escreva e para ler e para ter bom amicos e para em sinar quem não saber escrever e tam bem quem não sabe ler. FIM
Maria	Venho comer Venho brincar Venho estudar
Marcelo	Eu vim comer e aprende e brincar.
Natan	Estudar muito, brincar um pouco, comer, fazer amigos e ser um ótimo aluno. O que não fazer na escola: Brigar, zoar os outros e não chegar atrasada.
Naiane	Estudar, brincar e ver meus colegas. Para fazer prova
Natália	ME DIVERTIR ESTUDAR BASTANTE FAZER BASTANTE AMIGOS E APRENDER NOVAS COISAS MAIS E MAIS.
Kaio	Estudar, aprende, se sediverti come merenda
Thomaz	Eu vim para aprender, fazer amigos e brincar e sempre fazer bagunça me? Brincadeira eu amo a minha Escola quero ter um futuro melhor Amo Escola e respeitar todos até Os meus amigos.
Yana	Estudar, Brinca, fazer nova tividada Conheser nova Amizadi, i ser feliz, e não Brigar ma escola.

### TEMA EMERGENTE 3: Estar em um lugar que lhes agrade

Natália	ME DIVERTIR ESTUDAR BASTANTE FAZER BASTANTE AMIGOS E APRENDER NOVAS COISAS MAIS E MAIS.
Thomaz	Eu vim para aprender, fazer amigos e brincar e sempre fazer bagunça me? Brincadeira eu amo a minha Escola quero ter um futuro melhor Amo Escola e respeitar todos até Os meus amigos.

Yana	Estudar, Brinca, fazer nova tividada Conheser nova Amizadi, i ser feliz, e não Brigar ma escola.
------	--

**TEMA EMERGENTE 4: Comer**

Gisele	Eu vim para Estudar e Brincar, comer merenda, falar com as mi amigas, aprender e falar emglêns.
Maria	Venho comer Venho brincar Venho estudar
Marcelo	Eu vim comer e aprende e brincar.
Natan	Estudar muito, brincar um pouco, comer, fazer amigos e ser um ótimo aluno. O que não fazer na escola: Brigar, zoar os outros e não chegar atrasada.

**TEMA EMERGENTE 5: Divertir-se**

Bernardo	esdudar, almoço, brinca, pra ir para escursoes
Deise	Estuda, aprende, brincar, zoar com meus amigos e ter boms amigos e ser uma boa pessoa quando grece.
Eduarda	eu venho para estudar brinca com minhas amigas aprende coisas novas Para eu chega ate a facudade.
Gisele	Eu vim para Estudar e Brincar, comer merenda, falar com as mi amigas, aprender e falar emglêns.
Gertrudes	Estudar, Escrever, Ler, Brincar, fazer Bons amigos.
Gina	eu vim para estudar, princar com a minhas amigas e fazer [msico] amigos.
Gláucia	Estudar, aprender, ser alguma coisa no futuro, Brincar, fazer o trabalhinho, ter bons amigos.
Joana	Eu venho para a escola pra aprender e brincar.
Maria	Venho comer Venho brincar Venho estudar
Marcelo	Eu vim comer e aprende e brincar.
Natan	Estudar muito, brincar um pouco, comer, fazer amigos e ser um ótimo aluno. O que não fazer na escola: Brigar, zoar os outros e não chegar atrasada.
Naiane	Estudar, brincar e ver meus colegas. Para fazer prova
Natália	ME DIVERTIR ESTUDAR BASTANTE FAZER BASTANTE AMIGOS E APRENDER NOVAS COISAS MAIS E MAIS.
Kaio	Estudar, aprende, se sediverti come merenda
Thomaz	Eu vim para aprender, fazer amigos e brincar e sempre fazer bagunça me? Brincadeira eu amo a minha Escola quero ter um futuro melhor Amo Escola e respeitar todos até Os meus amigos.
Yana	Estudar, Brinca, fazer nova tividada Conheser nova Amizadi, i ser feliz, e não Brigar ma escola.

**TEMA EMERGENTE 6: Ser criança**

Amanda	Brincar, aprende, fazer bons amigos, fazer bagunça e zoar.
Lara	Estudar, fazer bagunça, ler, aprender, e ter bons amigos.
Natan	Estudar muito, brincar um pouco, comer, fazer amigos e ser um ótimo aluno. O que não fazer na escola: Brigar, zoar os outros e não chegar atrasada.
Thomaz	Eu vim para aprender, fazer amigos e brincar e sempre fazer bagunça me? Brincadeira eu amo a minha Escola quero ter um futuro melhor Amo Escola e respeitar todos até Os meus amigos.
Yana	Estudar, Brinca, fazer nova atividade Conhecer nova Amizadi, i ser feliz, e não Brigar na escola.

**TEMA EMERGENTE 7: Preparar-se para o futuro**

Denis	Estudar, aprender, ser uma pessoa melhor, ter um bom futuro e ter um bom emprego.
Daniele	Estudar para ficar esperto e ir para faculdade e ganhar emprego.
Eduarda	eu venho para estudar brinca com minhas amigas aprende coisas novas Para eu chega ate a faculdade.
Francisco	Para nos estudar para ter um futuro melhor e ser uma pessoa melhor.
Fabiana	Pra ser alguém melhor no futuro, estudar, aprender ainda mais sobre a vida.
Gláucia	Estudar, aprender, ser alguma coisa no futuro, Brincar, fazer o trabalho, ter bons amigos.
Thomaz	Eu vim para aprender, fazer amigos e brincar e sempre fazer bagunça me? Brincadeira eu amo a minha Escola quero ter um futuro melhor Amo Escola e respeitar todos até Os meus amigos.

**ARPE 2: O que você vem fazer na aula de inglês?****TEMA EMERGENTE 1: Obrigações de sala de aula**

Amanda	Eu vim para a aula de inglês para Copiar o dever da tia Aline e para obedecer ela. Porque ela é uma boa professora!!!
Alice	Aprender a falar inglês.
Ana	estudar inglês e ficar conversando no momento relax.
Bernardo	Estudar, escutar, presta atenção, aprender falar inglês
Denis	Estudar aprender novas línguas.
Deise	Eu vim para estudar...
Eduarda	Aprende a falar inglês e Aprende a ler em inglês.
Emília	Eu vim para estudar e eu adoro ajudar a tia
Gertrudes	Eu vim estudar, aprender inglês e fazer trabalho.
Gina	Eu vim para aprender inglês.
Gláucia	Falar inglês fazer os trabalhos aprender.
Ingrid	Estudar inglês porque no 2º g fazer a prova – de inglês e ainda é demais!
Kaio	Estuda e aprende

Clara	Eu vim a prender os trabalhos que a tia aline passar para nos
Maria	Eu aprendo Inglês. Eu aprendo os países.
Natan	Eu venho aprender inglês com meus colegas.
Natália	EU VENHO ESTUDAR E APRENDER INGLÊS.
Pietro	Estudar e abrider
Rodrigo	Eu vi estuda
Roberto	Eu vim para aprender inglês e ficar esperta.
Vinícius	Aprender inglês.

### TEMA EMERGENTE 2: Interação com colegas e a professora

Caren	E MUITO FELIS E QUERO APRENDE AULA DE INGLES A TIA E MUITO BOA
Emília	Eu vir para estuda e eu adoro ajudar a tia
Natan	Eu venho aprender inglês com meus colegas.
Thomaz	APRENDER/ ENSINAR E TER UM DIA SEMPRE BOM E VER A TIA. =) TE AMO TIA. E SEMPRE TE AMAREI. TCHAU
Yana	VER A TIA: ALINE E ESDUTAR

### TEMA EMERGENTE 3: Ações consideradas normais durante uma aula

Amanda	Eu vim para a aula de inglês para Copia o dever da tia Aline e para obedecer ela. Porque ela é uma boa professora!!!
Bernardo	Estudar, escutar, presta atenção, aprender falar inglês
Deise	Eu vi para estudar...
Gisele	Eu vim estudar, aprender inglês e fazer trabalho.
Gertrudes	Eu vin para aprende inglês.
Gina	Falar inglês fazer os trabalho abrender.
Gláucia	Estudar inglês porque no 2º g fazer a prova – de inglês e ainda é demais!
Kaio	Etuda e abraador
Clara	Eu vim a prender os trabalhos que a tia aline passar para nos
Maria	Eu aprendo Inglês. Eu aprendo os países.
Natan	Eu venho aprender inglês com meus colegas.
Natália	EU VENHO ESTUDAR E APRENDER INGLÊS.
Pietro	Estudar e abrider
Rodrigo	Eu vi estuda
Roberto	Eu vim para aprender inglês e ficar esperta.
Thomaz	APRENDER/ ENSINAR E TER UM DIA SEMPRE BOM E VER A TIA. =) TE AMO TIA. E SEMPRE TE AMAREI. TCHAU
Vinícius	Aprender inglês.
Yana	VER A TIA: ALINE E ESDUTAR

**TEMA EMERGENTE 4: Ser criança**

Lara	Eu vim para a aula de inglês para fazer bagunça e para Brincar e Copiar o dever as vezes.
Joana	Eu gosto partisidas competisoes e da aula

**TEMA EMERGENTE 5: Aprender Inglês**

Ana	estudar inguês e ficar conversando no momento relax.
Bernardo	Estudar, escutar, presta atenção, aprender falar inglês
Gisele	Eu vim estudar, aprender inglês e fazer trabalho.
Gertrudes	Eu vin para aprende inglês.
Maria	Eu aprendo Inglês. Eu aprendo os países.
Natan	Eu venho aprender inglês com meus colegas.
Natália	EU VENHO ESTUDAR E APRENDER INGLÊS.
Roberto	Eu vim para aprender inglês e ficar esperta.
Vinícius	Aprender inglês.

**TEMA EMERGENTE 6: Julgamento da aula de inglês e de mim como professora de inglês**

Caren	E MUITO FELIS E QUERO APRENDE AULA DE INGLES A TIA E MUITO BOA
Marcelo	Eu gosto de vir porque e legal.
Thomaz	APRENDER/ ENSINAR E TER UM DIA SEMPRE BOM E VER A TIA. =) TE AMO TIA. E SEMPRE TE AMAREI. TCHAU
Yana	VER A TIA: ALINE E ESDUTAR

## ANEXO VI: Fichas preenchidas pelos alunos durante a reunião com o Grupo Focal

E HOJE, PROPONDO ESSA MESMA ATIVIDADE A VOCÊS COMO ALUNOS DO 6º ANO, COMO VOCÊS RESPONDERIAM?

O QUE VOCÊ VEM FAZER NA ESCOLA?  
*Estudar para o meu futuro.*

O QUE VOCÊ VEM FAZER NA AULA DE INGLÊS?  
*Aprender inglês para que um dia eu possa ir a outro país e saber falar a língua deles.*

*Ana Vitória - T.1601*

E HOJE, PROPONDO ESSA MESMA ATIVIDADE A VOCÊS COMO ALUNOS DO 6º ANO, COMO VOCÊS RESPONDERIAM?

O QUE VOCÊ VEM FAZER NA ESCOLA?  
*Eu quero aprender.*

O QUE VOCÊ VEM FAZER NA AULA DE INGLÊS?  
*Eu quero aprender porque é importante saber falar inglês.*

*Nicolas - T.1601*

E HOJE, PROPONDO ESSA MESMA ATIVIDADE A VOCÊS COMO ALUNOS DO 6º ANO,  
COMO VOCÊS RESPONDERIAM?

O QUE VOCÊ VEM FAZER NA ESCOLA?

Estudar para mim ter um grande futuro, e também porque eu quero ser uma grande advogada e ser bem sucedida na vida.

Juliana - T.1601

O QUE VOCÊ VEM FAZER NA AULA DE INGLÊS?

Aprender porque nós usamos o inglês para tudo e para estudar e aprender coisas.

E HOJE, PROPONDO ESSA MESMA ATIVIDADE A VOCÊS COMO ALUNOS DO 6º ANO,  
COMO VOCÊS RESPONDERIAM?

O QUE VOCÊ VEM FAZER NA ESCOLA?

Estudar para eu ser uma futura médica, etc.

Mariana - T.1601

O QUE VOCÊ VEM FAZER NA AULA DE INGLÊS?

Aprender, para uma melhor vida no futuro.

E HOJE, PROPONDO ESSA MESMA ATIVIDADE A VOCÊS COMO ALUNOS DO 6º ANO,  
COMO VOCÊS RESPONDERIAM?

O QUE VOCÊ VEM FAZER NA ESCOLA?

Eu vim aprender, para ser alguém  
na vida por que eu quero ser  
uma pessoa importante no mundo  
de todo

O QUE VOCÊ VEM FAZER NA AULA DE INGLÊS?

Eu vim aprender porque no mundo  
todo precisa falar em inglês  
e eu quero ser alguém importante  
no mundo todo

Michael - T-1601

## ANEXO VII: Formulário – Termo de Assentimento

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA  
DO RIO DE JANEIRO



### TERMO DE ASSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Gostaríamos de convidar você a participar como voluntário(a) da pesquisa “O olhar exploratório de uma professora de língua inglesa de uma escola municipal do Rio de Janeiro: a construção discursiva do afeto no processo de ensino e aprendizagem”. O motivo que nos leva a realizar esta pesquisa é a vontade de refletir sobre o que os alunos pensam sobre a escola em geral e sobre as aulas de inglês em particular. Nesta pesquisa pretendemos entender melhor a importância do afeto estabelecido entre os membros dessa comunidade escolar.

Caso você concorde em participar, vamos nos reunir em pequenos grupos de alunos que conversarão na escola sobre o que pensam a respeito de sua vida escolar e sobre as atividades pedagógicas realizadas na aula de inglês. As partes mais significativas serão selecionadas para serem transcritas e analisadas pela professora pesquisadora.

Esta pesquisa poderá ter alguns riscos mínimos, já que os alunos poderão se sentir constrangidos ao refletir sobre suas crenças como aluno(a)s da escola e como aluno(a)s das aulas de inglês. Mas, para diminuir a chance desses riscos acontecerem, os nomes reais dos alunos serão retirados das conversas e nomes diferentes serão usados no texto da dissertação. Por outro lado, a pesquisa pode ajudar na reflexão e no entendimento de questões surgidas no ambiente de sala de aula de inglês em uma escola da rede municipal de ensino do Rio de Janeiro.

Para participar desta pesquisa, o responsável por você deverá autorizar e assinar um termo de consentimento. Para participar deste estudo você não vai ter nenhum custo, nem receberá qualquer vantagem financeira. Apesar disso, se você tiver algum dano por causa das atividades que fizemos nesta pesquisa, você tem direito a indenização. Você terá todas as informações que quiser sobre esta pesquisa e estará livre para participar ou recusar-se a participar. Mesmo que você queira participar agora, você pode voltar atrás ou parar de participar a qualquer momento. A sua participação é voluntária e o fato de não querer participar não vai trazer qualquer penalidade ou mudança na forma em que você é atendido(a). O pesquisador não vai divulgar seu nome. Os resultados da pesquisa estarão à sua disposição quando finalizada. Seu nome ou o material que indique sua participação não será liberado sem a permissão do responsável por você.

Você não será identificado (a) em nenhuma publicação que possa resultar. O responsável por você poderá retirar o consentimento ou interromper a sua participação a qualquer momento.

Este termo de consentimento encontra-se impresso em duas vias originais, sendo que uma será arquivada pelo pesquisador responsável e a outra será fornecida a você. Os dados coletados na pesquisa ficarão arquivados com o pesquisador responsável por um período de 5 (cinco) anos, e após esse tempo serão destruídos. Os pesquisadores tratarão a sua identidade com padrões profissionais de sigilo, utilizando as informações somente para os fins acadêmicos e científicos.

Sei que a qualquer momento poderei solicitar novas informações, e o meu responsável poderá modificar a decisão de participar se assim o desejar. Tendo o consentimento do meu responsável já assinado, declaro que concordo em participar da pesquisa e que me foi dada a oportunidade de ler e esclarecer as minhas dúvidas.

Rio de Janeiro, \_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 2018.

Assinatura da Pesquisadora

Assinatura do (a) aluno (a)

#### CONTATO:

Pesquisadora: Aline Monteiro dos Santos de Azeredo  
Telefone: (21) 99738-9812  
E-mail: [teacher\\_alinesantos@yahoo.com.br](mailto:teacher_alinesantos@yahoo.com.br)  
Pesquisadora Orientadora: Professora Doutora Inês Kayon de Miller  
Telefone: (21) 3527-1444  
E-mail: [inesmiller@hotmail.com](mailto:inesmiller@hotmail.com)

Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro – PUC-Rio – Departamento de Letras  
Endereço: Rua Marquês de São Vicente, 225, Gávea  
CEP: 22451-900 - Rio de Janeiro/ RJ

## ANEXO VIII: Formulário – Termo de Consentimento

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA  
DO RIO DE JANEIRO



### TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

O menor \_\_\_\_\_, sob sua responsabilidade, está sendo convidado (a) como voluntário (a) a participar da pesquisa **“O olhar exploratório de uma professora de língua inglesa de uma escola municipal do Rio de Janeiro: a construção discursiva do afeto no processo de ensino e aprendizagem”**. Nesta pesquisa, pretendemos refletir sobre o que os alunos pensam sobre a escola em geral e sobre as aulas de inglês em particular. Gostaríamos de entender melhor, também, a importância do afeto estabelecido entre os membros dessa comunidade escolar.

Para esta pesquisa, organizarei conversas em pequenos grupos de alunos que compartilharão reflexões sobre sua vida escolar e sobre as atividades pedagógicas regulares realizadas em sala de aula de inglês. No contexto desta pesquisa, as falas mais relevantes dos alunos serão selecionadas para serem transcritas e analisadas pela professora pesquisadora.

Para participar desta pesquisa, o menor sob sua responsabilidade não terá nenhum custo, nem receberá qualquer vantagem financeira. Apesar disso, caso sejam identificados e comprovados danos provenientes desta pesquisa, ele tem assegurado o direito à indenização. Ele será esclarecido(a) em qualquer aspecto que desejar e estará livre para participar ou recusar-se a participar. O(A) Sr.(a), como responsável pelo menor, poderá retirar seu consentimento ou interromper a participação dele a qualquer momento. A participação dele é voluntária e a recusa em participar não acarretará qualquer penalidade ou modificação na forma em que é atendido (a). O pesquisador irá tratar a identidade do menor com padrões profissionais de sigilo. O menor não será identificado em nenhuma publicação. Esta pesquisa envolve riscos mínimos, como um eventual constrangimento decorrente da disponibilidade para refletir sobre suas crenças como aluno(a) da escola e como aluno(a) das aulas de inglês. Vale ressaltar que os nomes serão removidos das conversas dos participantes e nomes fictícios serão usados no texto da dissertação.

A pesquisa contribuirá para a reflexão e o entendimento de questões advindas do ambiente de sala de aula de inglês em uma escola da rede municipal de ensino do Rio de Janeiro.

Os resultados estarão à sua disposição quando finalizada. O nome ou o material que indique a participação do menor não será liberado sem a sua permissão. Os dados e instrumentos utilizados na pesquisa ficarão arquivados com o pesquisador responsável, por um período de 5 (cinco) anos, e após esse tempo serão destruídos. Este termo de consentimento encontra-se impresso em duas vias originais, sendo que uma será arquivada pelo pesquisador responsável, no Programa de Pós-Graduação Estudos da Linguagem (PPGEL), da PUC-Rio e a outra será fornecida ao Sr.(a).

Eu, \_\_\_\_\_, portador(a) do documento de Identidade \_\_\_\_\_, responsável pelo menor \_\_\_\_\_, fui informado (a) dos objetivos do presente estudo de maneira clara e detalhada e esclareci minhas dúvidas.

Sei que a qualquer momento poderei solicitar novas informações e modificar a decisão do menor sob minha responsabilidade de participar, se assim o desejar. Recebi uma via original deste termo de consentimento livre e esclarecido e me foi dada a oportunidade de ler e esclarecer as minhas dúvidas.

#### CONTATO:

Pesquisadora: Aline Monteiro dos Santos de Azeredo  
 Telefone: 99738-9812  
 E-mail: [teacher\\_alinesantos@yahoo.com.br](mailto:teacher_alinesantos@yahoo.com.br)  
 Pesquisadora Orientadora: Professora Doutora Inés Kayon de Miller  
 Telefone: (21) 3527-1444  
 E-mail: [inesmiller@hotmail.com](mailto:inesmiller@hotmail.com)

Responsável: \_\_\_\_\_

E-mail: \_\_\_\_\_

Declaro que li e entendi todas as informações contidas neste documento. Ficaram claros para mim os propósitos, os procedimentos a serem realizados e as garantias de confidencialidade. Autorizo que a pesquisa descrita neste documento se realize no âmbito da escola municipal na qual o(a) aluno(a) está matriculado(a). Este documento é emitido em duas vias que serão ambas assinadas por mim e pela pesquisadora, ficando uma via com cada uma de nós.

Rio de Janeiro, \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_  
Assinatura do Responsável

\_\_\_\_\_  
Assinatura da Pesquisadora